



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS – BACHARELADO

Andréa Raquel da Silva Tavares Lopes

**Levantamento Terminológico em Libras para
os Termos Indígenas dos Tapeba**

Fortaleza/CE

2020

Andréa Raquel da Silva Tavares Lopes

Levantamento Terminológico em Libras para os Termos Indígenas dos Tapeba

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professor Orientador: Dr. Marcos Luchi.

Fortaleza/CE

2020

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada ao Professor Dr. Marcos Luchi que me guiou nesse projeto atenciosamente, pacientemente e com imensa empatia. Durante a pandemia, soube lidar com minhas dificuldades e aguardar o momento certo para dar suas orientações tão valiosas que resultou nesta produção.

Não posso deixar de mencionar uma excelente parceria que contribuiu para elaboração na pesquisa, a Professora Shirley Vilhalva, pela generosidade em ensinar as riquezas da Cultura Indígena.

À Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa, Caroline Capetta Martins, Priscilla Sumaio, Erich Teles, aos demais do grupo de estudo Indígena, agradeço ao apoio nesse projeto de estudo de levantamento terminológico e, é claro, ao meu amigo e estudioso da Língua de sinais Rundesth Saboia. Obrigada pelo apoio inicial à pesquisa, por meio de subsídios que possibilitaram a criação do sinal Tapeba.

Meus agradecimentos também à Telma Cedraz Santos pela grande riqueza disponibilizada em seu trabalho que orientou como originar uma ficha terminológica com QR Code.

Não posso deixar de agradecer a todos os Intérpretes que ajudaram na divulgação do formulário, bem como os intérpretes e estudiosos da comunidade surda, cem pessoas que responderam à pesquisa.

Também aos professores da APROINT – Associação de Professores Indígenas Tapeba pela participação e colaboração dos sinais-terminos. Agradeço imensamente o incentivo, apoio e colaboração para realização dessa pesquisa.

À minha tutora, Professora Maria Izaete Inácio Vieira, pela contribuição nas correções após banca, ajudando assim a finalização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu Grandioso Criador Jeová Deus, pela generosidade em dar-me sabedoria, forças para a produção deste trabalho e para enfrentar as dificuldades nesta trajetória.

Ao meu marido Lopes Jr., meus queridos pais: Raimundo Nonato B. Tavares, minha estimada mãe Liziete da Silva Tavares e meus irmãos.

Aos queridos amigos de estudos, Felipe Lima e Luiza Leocádia. A cada um que compôs a turma do Letras Libras Bacharelado, turma 2016 à 2020.

Ao todos meus amigos queridos.

As Tutoras Maria Izalete Inácio Vieira e Emanuelle Sousa.

A todo grupo de professores e gestão da Escola Indígena Tapeba referida nesse trabalho.

Aos professores como: Carlos Henrique Rodrigues, José Ednilson Gomes de Souza Jr., Rachel Suttonspence, Marianne Rossi Stumpf, Ronice Muller de Quadros, Carol Pêgo e a querida Rosemeri Berniere.

Com isso, termino essa dedicatória com a palavra do Salmista Davi: “Encontre a mais plena alegria em Jeová, e Ele lhe concederá os desejos do seu coração” (Salmo 37:4).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral, buscar nos estudos terminológicos, os aspectos imbricados na elaboração dos termos, em contextos sociais específicos, para subsidiar o trabalho de tradução e interpretação no âmbito da educação escolar da etnia Tapeba. Para tanto foram também estabelecidos como sendo, objetivos específicos, identificar termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significados com os termos existentes na cultura Tapeba, elaborar termos necessários à interpretação no âmbito escolar no contexto da etnia Tapeba e catalogar os possíveis termos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados. As questões que nortearam o alcance destes objetivos foram: Quais os termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significado com termos específicos da cultura Tapeba? O que se pode fazer quando não é encontrado, na Libras, termos necessários a interpretação no âmbito escolar, no contexto da etnia Tapeba? Como promover o conhecimento dos termos/sinais específicos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados? Na busca de responder tais indagações foi realizada uma pesquisa que se apresenta, quanto aos dados, como qualitativa (ANDRE e LUDKE, 1986). E por utilizar-se de diversos autores, como: Krieger e Finatto (2004), Vilhalva (2009, 2012) e Faulstich (1995) mostrando a importância do estudo socioterminológico em contextos sócio culturais, para fundamentar o seu aporte teórico, também é compreendida como bibliográfica (LAKATOS E MARCONI, 2003). E ainda, por coletar e analisar informações em um ambiente específico foi considerada como sendo Estudo de Campo, em conformidade com Padranov e Freitas (2013). Esta, foi organizada em 5 seções, a saber: Introdução; 1. Referencial teórico; 2. Contexto da pesquisa; 3. Percorso Metodológico e a 4ª e última seção, Considerações Finais, que aponta a elaboração e catalogação dos termos em Libras e sua equivalência em Português, no contexto social da etnia Tapeba e sua importância para o processo de tradução.

Palavras-chave: Etnia Tapeba; Socioterminologia; Caucaia; Surdo; Língua de sinais.

RESUMO EM LIBRAS

Link de acesso: <https://youtu.be/jkL0hpicWS8>

LISTA DE SIGLAS

ACITA – Associação das Comunidades dos Índios Tapeba
ADELCO – Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido
APADA – Associação de Pais e Amigos de Surdos
APILCE – Associação de Intérpretes de Libras do Ceará
BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
CAS – Centro de Atendimento ao Surdo
CEPID – Centro de Profissionalização Inclusiva para a Pessoa com Deficiência
CM – Configuração de Mão
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
CREDE – Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DERT – Departamento de Estradas de Rodagem e Transportes
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENM – Expressões Não Manuais
ETUFOR – Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
ICES – Instituto dos Surdos do Ceará
IDECC – Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura do Ceará
IDESQ – Instituto Nacional de Desenvolvimento Social e Qualificação Profissional
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
PLANTEQ – Plano Nacional de Qualificação
SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Ceará
SETE – Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo
SIGE – Sistema Integrado de Gestão Escolar
TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia
TILS – Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFT – Universidade Federal de Tocantins

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira	19
Figura 2 – Princípios gerais, segundo a Teoria da Iconicidade	24
Figura 3 – Esquema Multilingue	25
Figura 4 – Imagem da Escola vista por cima	29
Figura 5 – Interesse na temática indígena na horizontal 1, 2 e 3	43
Figura 6 – Oca da Etnia Krahô em Tocantis	44
Figura 7 – Tela de início do software Movavi Video Suite, versão 15	49
Figura 8 - Montagem da base da entrada terminológica	49
Figura 9 - Opções de conversão do vídeo	50
Figura 10 - Pasta Movavi Library	50
Figura 11 - Estúdio de gravação/home office	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de levantamento Terminológico dos termos indígenas para Libras.....	35
Tabela 2 – Variações terminológicas do termo “Índigena”	41
Tabela 3 – Modelo de Ficha Terminológica	52
Tabela 4 – Ficha nº 01	53
Tabela 5 – Ficha nº 02	54
Tabela 6 – Ficha nº 03	55
Tabela 7 – Ficha nº 04	56
Tabela 8 – Ficha nº 05	57
Tabela 9 – Ficha nº 06	58
Tabela 10 – Ficha nº 07	59
Tabela 11 – Ficha nº 08	60
Tabela 12 – Ficha nº 09	61
Tabela 13 – Ficha nº 10	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sinais-termos para Tupã à Comunidade Surda	43
Gráfico 2 – Demonstrativo de aceitação do novo sinal-termo	45
Gráfico 3 – Sina-termo “caboclo”	46
Gráfico 4 – Sinal Etnia Tapeba	47
Gráfico 5 – Escolha Tupã Tapeba	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO: ESTUDOS DAS TERMOLOGIAS	15
1.1 Terminologia x estudos do léxico	18
1.2 A Terminologia na Língua Brasileira de Sinais	18
1.3 Sinais emergentes de comunidades indígenas.....	20
1.3.1 Dos sinais familiares particulares para Língua de Sinais Indígenas.....	22
2 CONTEXTO DA PESQUISA: CAUCAIA, UMA CIDADE DE ORIGEM INDÍGENA	27
2.1 Uma Escola Indígena na Comunidade Tapeba.....	28
3 PERCURSO METODOLOGICO	32
3.1 Procedimento metodológicos: Levantamento Terminológico indígenas e sua transição para a Libras.....	33
3.2 Coleta e Análise dos Dados: Levantamento Terminológico da Etnia Tapeba e seus respectivos sinais em Libras.....	34
3.3 A Busca pelos termos	40
3.4 Descrição procedimental do levantamento terminológico	42
3.4.1 Instrumento de coleta dos Termos.....	48
3.4.2 Estúdio de Gravação	51
3.4.3 Ficha Terminológica	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a trajetória como tradutora intérprete de Libras, o primeiro contato com a Língua de sinais aconteceu por meio de um livro com terminologias em LIBRAS. Pouco depois da aquisição do livro, conheci uma moça Surda, a partir desta experiência, iniciei um curso de Libras.

Logo na primeira noite recebi meu sinal com a mão direita em configuração A, tipo de contato de toque com a mão esquerda na palma da mão aberta virada para baixo em cima do dedo anelar e depois a mão esquerda vira em R e toca novamente em cima da mão no dedo anelar, sinal composto das iniciais do meu nome. Tocar no dedo anelar se justifica pelo sinal de nascença localizado na minha mão e pela minha estatura de 1,61 com mãos enormes.

Com o tempo, a amizade com a moça Surda estreitou-se cada. Aos poucos, apresentou-me aos surdos do bairro o qual eu residia e com o passar do tempo já estava engajada ao grupo de LIBRAS religioso das Testemunhas de Jeová, e realizava interpretações em suas reuniões.

Em meados do ano de 2005, tivemos conhecimento sobre os cursos básicos em LIBRAS da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS. Como não tínhamos certificação, nos reunimos em grupo para fazermos o curso básico, mas as aulas se limitavam ao ensino na modalidade da Libras sem intérprete. Nesse ínterim, soubemos que haveria uma seleção para um curso de formação de intérpretes, a segunda turma no Estado do Ceará, ofertado pela FENEIS e custeado pela Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo (SETE) e o Plano Nacional de Qualificação (PlanteQ).

As aulas aconteciam aos sábados o dia inteiro e aos domingos até o meio-dia. Realizado no antigo Centro de Atendimento ao Surdo (CAS), localizado em uma sala dentro do Instituto dos Surdos do Ceará (ICES). Sua carga horária era de 250h/a. Ao findar minha formação tive oportunidade de atuar de maneira remunerada em um curso oferecido pela Associação de Pais e Amigos de Surdos (APADA) em parceria com o ICES e certificado promovido pelo PlanteQ.

Logo após, trabalhei em uma escola indicada pela FENEIS no período da noite.

Com o surgimento da Associação de Intérpretes de Libras do Ceará (APILCE), algum tempo depois fui encaminhada por esta para trabalhar na Empresa de Transporte Urbano de

Fortaleza (ETUFOR) com o surgimento do cartão gratuidade¹, passei a trabalhar neste setor como intérprete no turno da tarde. Posteriormente, comecei a trabalhar na Escola CEJA Gilmar Maia, na modalidade EJA, nos anos de 2009 a 2010.

Na ocasião, decidi trabalhar mais perto de casa. Então participei de uma seleção no realizada pela Prefeitura de Caucaia trabalhei até o ano de 2012. No período de férias escolares iniciei um novo trabalho no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS do município de Redenção, de dezembro de 2011 a janeiro de 2012 em um curso de serigrafia.

Logo depois, fui trabalhar no Centro de Profissionalização Inclusiva para a Pessoa com Deficiência (CEPID). O CEPID me proporcionou excelentes experiências dentro da minha área. Anos mais tarde trabalhei no Projeto Primeiro Passo organizado pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Social e Qualificação Profissional - IDESQ no ICES, no turno da noite, em 2015.

No ano de 2016 trabalhei no Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura do Ceará - IDECC em um curso de Pedagogia.

Em 2018 fui contratada por uma empresa de modo terceirizada pelo Estado, na CREDE 1. Sendo assim, surgiram duas oportunidades: uma para trabalhar à noite, no meu bairro, em uma escola na modalidade EJA e a outra para trabalhar em uma escola indígena no distrito de Capuã - Caucaia-CE. Escolhi a Escola Indígena, apesar de não ter ideia de como seria essa nova experiência.

Assim meu ingresso, permanência e envolvimento com as questões referentes as interpretações nesta escola indígena da etnia Tapeba, me estimularam na realização do presente trabalho.

Para tanto estabeleci os seguintes objetivos, sendo o geral: Buscar nos estudos terminológicos, os aspectos imbricados na elaboração dos termos, em contextos sociais específicos, para subsidiar o trabalho de tradução e interpretação no âmbito da educação escolar da etnia Tapeba, e os específicos: 1. Identificar termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significados com os termos existentes na cultura Tapeba, 2. Elaborar termos necessários à interpretação no âmbito escolar no contexto da etnia Tapeba. 3. Catalogar para posterior difusão, os possíveis termos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados.

¹ O Jornal “Diário do Nordeste” fez uma reportagem cujo tema era “Passe-Livre para deficientes começa a ser entregue”, falando sobre o Cartão Gratuidade como chamávamos no setor, mas conhecido pelo público como Passe Livre. Havia nas cores amarela, que dava direito a acompanhante, e vermelho, para quem não necessitava. Esse direito foi adquirido por meio da Lei nº 57/2008 (DIÁRIO DO NORDESTE, 2008).

Para alcançar esses objetivos foram estabelecidos as seguintes perguntas norteadoras: Quais os termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significado com termos específicos da cultura Tapeba? O que se pode fazer quando não é encontrado, na Libras, termos necessários a interpretação no âmbito escolar, no contexto da etnia Tapeba? Como promover o conhecimento dos termos/sinais específicos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados?

Estas perguntas foram respondidas nas seções que compuseram esse trabalho. Esta foram os organizados em cinco, a saber: INTRODUÇÃO; REFERENCIAL TEÓRICO: ESTUDOS DAS TERMINOLOGIAS ; CONTEXTO DE PESQUISA: CAUCAIA, UMA CIDADE DE ORIGEM INDÍGENA; METODOLOGIA e por fim a última seção, CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para estabelecer análises finais dos dados coletados, isto é, os termos em língua de sinais cunhados no contexto educacional da Etnia Tapeba, foi estabelecida uma pesquisa quanto aos dados apresentados, qualitativa, pois foi considerado adequado ao tipo de estudo proposto. Segundo Andre e Ludke (1986) este tipo de pesquisa mantém o contato direto do seu pesquisador com o ambiente e a circunstância a ser investigada, e não se presta a resultados numéricos mas qualitativos conforme Lakatos e Marconi (2010). Por se utilizar de diversos autores para fundamentar o aporte teórico aqui apresentado, afirmamos como bibliográfica trazendo segurança as informações estudadas de acordo com Lakatos e Marconi (2003), se considerou como sendo estudo de caso, em conformidade com Padranov e Freitas (2013) que esclarece que este consiste em coletar e analisar informações realizada em um contexto específico

Para entendermos a relevância do estudo dos sinais termos para Etnia Tapeba, segue as seções, trazendo uma exposição detalhada dos estudos terminológicos, para o leitor possa compreender o que virá a seguir, isto é, a contextualização de pesquisa na historicidade de Caucaia, a importância do estudo cultural para atender as melhores escolhas de sinais/termos que sejam significantes para a cultura indígena Tapeba.

1. REFERENCIAL TEÓRICO: ESTUDOS DAS TERMOLOGIAS

Dias (2000), em seu artigo “Terminologia: Conceitos e Aplicações”, traz diversidades na definição para esse termo, isto porque Cabré (1995 *apud* DIAS, 2000), ao definir Terminologia, afirma que esta se relaciona aos seus fundamentos, seus enfoques, bem como suas aplicações práticas definindo sua perspectiva “poliédrica”, ou seja, todas as suas faces, os seus elementos, em união, compõem o conceito Terminologia. Esse termo polissêmico pode ser atribuído a uma disciplina, prática ou produto gerado pela prática.

Dias comenta que Sarge concorda com Cabré (1998), dando no tocante a afirmação: “Terminologia é um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessárias para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados”. O referido autor explicita ainda a relevância da “prática” aplicada aos estudos das terminologias, está relacionada as ações de coleta, descrição, processamento e apresentação de termos com a finalidade de gerar “*o produto*” (grupo de termos, ou vocábulo, de uma dada especialidade).

Barros (2006 *apud* LIMA, 2014) elucida sobre a Terminologia como sendo um estudo de termos científicos em línguas especializadas, utilizando discursos e textos das áreas técnicas, científicas e especializadas. Lima (2014) clarifica que não seria um campo de estudo da Lexicologia, mas que a Terminologia, como área de estudo, tem uma origem tão antiga quanto a linguagem humana.

Terminologia é a disciplina cuja sua objetividade se centraliza no estudo das unidades lexicais, levando a determinação de um termo. De acordo com Waquil et al (2017), a terminologia provém da imensa necessidade humana de nomear objetos, não somente isso, mas também em expor seu processo, suas experiências, no anseio de difundi-los através da comunicação, junto com sua práxis por compilar, estruturar e, por fim, trazer a apresentação destas unidades. A autora Waquil, sendo Dra. em Estudos da Linguagem (lexicografia, terminologia e tradução), salienta a importância do “caráter polissêmico da unidade Terminologia”, identificando sua utilização em três direções, sendo estas definidas por ela mencionadas como: 1) a disciplina que estuda os termos; 2) a atividade de coleta, organização e descrição dos termos; 3) o conjunto de termos representativo de um domínio específico do conhecimento humano. Observa-se, com essas definições, que nos estudos dos léxicos, a Terminologia é algo inerente.

Krieger e Finatto (2004, p.192), conceituando a Terminologia nos estudos das disciplinas como a Biologia, Química, Linguística, dialogam que estas são representações em

suas devidas áreas de conhecimentos especializados, os termos compreendem tanto uma dimensão cognitiva, ao expressarem tais, quanto uma dimensão linguística, pois se apropriam do componente lexical especializado ou temática das línguas. Acrescentam que, em padrão verbal, surgem intercâmbios comunicativos entre especialistas de um mesmo campo de atuação e interesse.

Referindo-se ainda à Terminologia, Krieger e Finatto (2004, p. 818) complementam que se trata de um campo de estudos com relação inter e transdisciplinar, ou seja, para alcançar com excelência o fenômeno terminológico, necessita-se de um grupo de saberes de assimilação da essência desse termo em se tratando de sua representação lexical do conhecimento especializado e divulgação, dando assim sua contribuição aos conhecimentos interiores e exteriores nos estudos da linguagem.

Podemos perceber, na declaração de Krieger e Finatto, a coexistência das relações entre áreas e disciplinas em seus objetivos específicos. Situamos três das Ciências do Léxico, a qual mantêm pontos de encontro como a Lexicologia, Lexicografia e a Terminografia, sendo áreas da aplicação da Terminologia.

Definimos, dessa forma, analisando os prefixos:

-) Lexicologia: Estudo do campo lexical;
-) Lexicografia: Estudo da escrita dos léxicos;
-) Terminografia: O termo em sua escrita.

Seria muito simplório condicionar tais ciências a estas definições analisando simplesmente seus prefixos, necessitando, assim, consulta a alguns teóricos para amplificar tais estudos. De acordo com Waquil et al (2017), a Lexicologia nos fornece um leque de opções para um estudo esmiuçado, uma vez que consegue resumir e ainda assim referir-se a sua origem. Vale salientar ainda que a disciplina concentra-se nos aspectos da formação morfológica das unidades, o uso da fonética, as configurações sintagmáticas e representações semânticas e emprego delas de acordo com o contexto.

Krieger e Finatto (2004), já definem o conceito embasado nos outros teóricos, compreendendo que a Lexicografia remete a uma atividade aplicada, com forte tradição em compreendê-la no aspecto teórico no qual sua metodologia orientada remete especificamente a uma arte, pois desde a sua remota origem, correlacionou palavras e seus respectivos significados mais a uma técnica de interpretação semântica do que a um método propriamente dito.

Ainda ressaltando sua relevância, notemos como Krieger e Finatto (2004) estabelecem o campo da Lexicologia como forte contribuição para a atividade lexicográfica, indo além do trabalho de copilar. Trata-se de um grande empreendimento, no qual o dicionarista realiza uma vasta pesquisa para constituir a nomenclatura geral da obra e assim estruturar os vocabulários. Esse trabalho envolve buscar unidades lexicais e analisar as nuances dos discursos individuais e coletivos, do passado e presente, para então sistematizar os verbetes.

Gança (2018) explicita que, por décadas, o campo de estudo da Lexicologia se resumia na pesquisa de dicionários, porém complementou que na contemporaneidade o desenvolvimento da linguística de corpus associado ao aperfeiçoamento da informática possibilitou o surgimento de novas ferramentas computacionais que subsidiam o texto digital. Sendo assim, estabelece uma nova trilha textual e automática de detecção de neologismo. Isso auxilia o trabalho do pesquisador, tendo em vista que agrega outras ferramentas além do dicionário.

Podemos perceber pelos teóricos acima que os estudos desses campos e suas definições ajudam na compreensão do trabalho quanto a sua aplicação.

Sobre a Lexicografia, Krieger e Finatto (2004) conceituam como um “sistema de estabelecer a relação entre os elementos de um léxico, as equivalências elaboradas na mesma língua, que vieram substituir as traduções, destinadas a revelar os significados.” (p. 990)

A Terminografia, embora haja uma correlação com a Lexicografia, não podemos confundi-las. Para clarificar, Krieger e Finatto (2004) trazem a definição de Terminografia como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio socioprofissional (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.1058).

Assim, resumimos a diferenciação e característica principal da Terminografia em que esta define o termo e a Lexicografia define a palavra. Na Terminografia, podemos afirmar sobre seu traço onomasiológico, que constitui na preocupação de dar significado a esse trabalho de identificar a unidade lexical e trazer os seus termos.

1.1 Terminologia e Estudos do Léxico

Sintetizando a Terminologia nos Estudos do Léxico, elas se unem justamente por causa do foco de Estudos: os termos. No início, sendo uma disciplina sistemática, que mantém uma relação de correspondência quanto ao léxico, como enuncia Waquil et al (2017, p. 17), elucidando que o léxico está presente e, para a Terminologia moderna, se torna fundamental. Porém, as autoras prosseguem dizendo que não podemos concluir que essa relação deu origem na gênese da disciplina, estabelecida pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1977), mas de fato que essa surgiu com sua evolução.

O objetivo da TGT (Teoria Geral da Terminologia) surgiu para regularizar “as linguagens especializadas” em sua apresentação conceitual e denominação, organizando, assim, o conhecimento e extinguindo alguns fenômenos como, por exemplo, a ambiguidade, homonímia, polissemia, entre outros. A teoria de Wüster tinha como objetivo em primazia a análise dos conceitos, considerando os termos em “etiquetas denominativas”, explicita Waquil et al. (2017, p. 17).

No Estudo do Léxico, em sua abordagem, temos duas possibilidades, onomasiológica e semasiológica. A onomasiológica é a abordagem que parte do conceito para sua designação, já a abordagem semasiológica, ao contrário do outro, tem como base a pesquisa da designação concluindo em seu conceito.

Portanto, a abordagem onomasiológica, útil em seu foco como as pesquisas da TGT informa, estava na organização dos conceitos, definindo suas respectivas designações. Entretanto, na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), com sua abordagem semasiológica, analisa o contexto chamado LSP², identificando termos a partir de suas designações seguidamente e discussão do seu conceito em determinada área.

1.2 A Terminologia na Língua Brasileira de Sinais

Analisando a Terminologia na Libras, faremos um breve histórico considerando o percurso de registro que nos trouxe aos estudos Terminológicos na Libras.

É animador ver o aumento do interesse de pesquisadores sobre a temática. A autora Temoteo (2012), em sua tese de Doutorado, traz a “Lexicografia da Língua de Sinais

² Language for Specific Purposes (LSP), tecnoleto, língua de especialidade, entre outras denominações.

Brasileira do Nordeste”, justificando que, em comparação com as línguas orais, a Lexicografia das línguas de sinais é “relativamente recente” em vista do seu reconhecimento tardio de status de língua aqui no Brasil como já mencionado através da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. A autora menciona que são raros os registros lexicográficos encontrados antes do século XX.

Sintetizando o assunto, a autora traz um levantamento desses registros de três séculos de história, resgatando os registros e suas origens. Em seu trabalho, a mesma identifica os autores, o contexto e as obras produzidas, como podemos identificar no quadro-resumo abaixo.

Figura 1 - Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira

Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira				
	Ano	Título da obra	Autor(es)	
Linha do tempo	Século XIX	1875	<i>Iconographia dos signaes dos surdos- mudos.</i>	Flausino Gama.
	Século XX	1969	<i>Linguagem das mãos.</i>	Eugênio Oates.
		1981	<i>Comunicação Total, 1ª edição do livro Comunicando com as mãos.</i>	John Peterson.
		1984	<i>Aprendendo a comunicar.</i>	Peterson e Ensminger.
		1987	<i>Comunicando com as mãos.</i>	Peterson e Ensminger.
		1991	<i>Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio.</i>	Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.
		1992	<i>Linguagem de sinais.</i>	Testemunhas de Jeová.
		1998	<i>Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos.</i>	Capovilla, Raphael, e Macedo.
	Século XXI	2001	<i>Deit - Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira - Libras.</i>	Capovilla e Raphael.
		2009/2011	<i>Novo Deit - Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira - Libras.</i>	Capovilla, Raphael, e Mauricio.

Fonte: Temoteo (2012, p.19).

Martins (2018) menciona a importância dos dicionários, tanto das línguas orais e das línguas de sinais e amplia essa visão não só para os impressos, como observamos em Temoteo (2012), quanto para os digitais, embasado em Pizzo, Rezende e Quadros (2009) acerca da estrutura e relevância da descrição das informações fonológicas, gramaticais, semânticas das palavras e sinais.

Dentre todos estes relatados, necessitamos que os registros de sinais perpetuem e que entre estes surjam estudos com catalogação dos sinais emergentes indígenas.

1.3 Sinais Emergentes de Comunidades Indígenas

Para entendermos o que são sinais emergentes indígenas, é imprescindível termos uma noção do complexo linguístico dentro da Comunidade Surda. Em geral, o indivíduo Surdo se depara na sociedade dentro de uma comunidade bilíngue (Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais), sendo essa sua realidade cotidiana. Se são filhos de ouvintes, em seu desenvolvimento de comunicação, na ânsia de comunicar-se, participar e interagir com os demais, é natural, no ambiente familiar, criarem um sistema de comunicação particular, como apresentado por Santana (2015, p. 100). Alguns autores chamam isso de simbolismo esotérico ou sinais caseiros/domésticos. A origem do termo esotérico foi determinado por Tervoort (1981 *apud* SANTANA, 2015) para identificar essa comunicação gestual particular entre filhos surdos e pais ouvintes. O autor normatizou esse termo pela sua estrutura, “à forma” e a construção dessa comunicação que se baseia em “meio a gestos e mímicas” que são a representação “subjetiva dos objetos e situações”, explicita Santana (2015, p. 101).

“Os Surdos Urbanos tem uma realidade Bilíngue”, elucidada Vilhalva (2012). Agora imagina a realidade de Indígena Surdo. Vilhalva (2009) menciona que a vivência do surdo indígena diante de sua etnia, resume por dizer que eles vivem em um ambiente multilíngue. Alguns não apenas por línguas indígenas, mas, dependendo da fronteira em que está seu povo, suas terras, essa vivência é ainda maior que normalmente idealizamos. A autora ressalta:

Mas, diante desse quadro de etnias e diversas línguas indígenas, consideramos que alguns índios surdos estão em um ambiente multilíngue, não só de línguas indígenas, mas também do espanhol, que é usual nos espaços fronteiriços do Mato Grosso do Sul com Bolívia e Paraguai, ou mesmo um pidgin, usado pela comunidade, comumente denominado de “portunhol” (VILHALVA, 2009, p.94).

Vilhalva (2009, p. 95) expressa que apesar de estarem em um ambiente diglósico, em seus estudos, a autora, comprovou que muitos indígenas surdos, tem como domínio apenas uma comunicação verbal, pautada em sinais. Esta comunicação se difunde dentro do contexto familiar, entre seus membros mais próximos. Apesar de outros surdos indígenas não conhecerem aquele código ela se torna exitosa na tentativa de comunicação, pela sua natureza icônica, com forte simbolismo na sua construção.

Santana (2015, p. 103) traz argumentos de alguns autores como Kegl, Senghas e Coppola (1999). Para eles, os “sinais domésticos podem ser considerados mímicas”, mas por não conter sistema gramatical, não pode ser considerado língua. Eles prosseguem: “as

expressões faciais transmitem afeto, mas não correspondem a um sistema gramatical, diferentemente da língua de sinais”. Em sua conceitualização, afirmam que se uma criança que produz esses sinais tiver contato com outra que também produz, estes podem se tornar mais estruturados, mas condicionado se estas crianças possuírem idade abaixo dos sete anos. Santana ainda informa que outros autores ainda reforçam que “os sinais domésticos não podem ser considerados um *pidgin* para origem de crioulização. Será que, entre surdos, podemos dar tal afirmação? (Grifo nosso).

Crioulização é o fenômeno da criação de uma “estrutura linguística a partir de uma linguagem fragmentada” (SANTANA, 2015, p. 103-104). A autora reforça citando o caso bem conhecido dos Surdos de Nicarágua em que, na década de 1980, estes se encontravam isolados e desenvolveram sinais domésticos. Neste período, houve o encontro dos mesmos em uma escola oralista, resultando de “um código rudimentar”, a sua base de sinais domésticos. Os surdos da Nicarágua desenvolveram uma Língua de Sinais. Com o passar dos anos, o que se percebeu é que esta língua continua em alta evolução, “com termos complexos em todos os níveis linguísticos”, elucidada, assim, Senghas e Mayberry (1995, 2003; 2002 *apud* SANTANA, 2015).

Em defesa dessa tese, a autora supracitada reforça que Quadros e Karnopp (2004) defendem que “os gestos idiossincráticos” que estes surdos fazem com seus familiares estão relacionados com a proficiência da língua de sinais apreendida em idade tardia. As autoras afirmam que essa interação entre irmãos surdos, ou pais ouvintes e filhos surdos, estão interligados ao favorecimento da “aquisição da língua de sinais”.

Vilhalva (2012), ao trazer a linguística na perspectiva Surda, nos conduz a Quadros e Karnopp (2004), a qual dão definições sobre as línguas naturais e suas características devidas. As autoras concluem que os traços atribuídos às línguas em geral são flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização e dependência estrutural. Visto que a Linguística é também uma “ciência empírica”, a autora destaca a aquisição e aprendizagem da Língua de sinais para os indígenas surdos das comunidades do Mato Grosso do Sul detalhando, em suas análises, a importância das crianças surdas em contato com língua de sinais interagindo com seus pares. Dando continuidade, a autora acrescenta a citação de Viotti (2006 *apud* VILHALVA, 2012), a qual explicita que “a língua é também um fenômeno eminentemente social” (p.2-3) e que estas emergem sempre que dois seres humanos entram em contacto” (p.2-3).

A autora Vilhalva (2012, p.27) acrescenta o caso de Nicarágua com mais riqueza de detalhes. O encontro surge na escola, como era comum à época. A ênfase de aprendizagem era com base na língua oral falada no país (no caso, espanhol), juntamente com a leitura labial. “O máximo que os professores usavam de sinais era a digitalização”, sendo uma comunicação insatisfatória entre professores e crianças. “Entretanto, no recreio, nos corredores, nos transportes escolares, aquelas crianças surdas se comunicavam bastante bem”. Assim, de uma forma rudimentar, aos poucos se desenvolvendo, foi se “construindo uma gramática até virar uma língua tão complexa e rica como qualquer outra”.

Contudo, Santana elucida que a crioulização é a prova da imensa capacidade humana para linguagem. Assim, a autora traz o pensamento de De Lemos (1986), e é este que queremos que o leitor tenha em mente: “a capacidade para a simbolização que o homem tem só pode ser efetivada nas interações sociais, na relação com outro”. Desta forma, Santana (2015, p.104) determina que “são as interações que propiciam a emergência dos gestos e de uma língua”.

1.3.1 Dos Sinais Familiares Particulares para Língua de Sinais Indígenas

Vilhalva (2009), em seus estudos, traz uma gama de informações sobre essa estrutura de um sistema de comunicação, os sinais familiares para um sistema de língua de sinais mais elaborado, onde são convencionados a “forma de interação dialógica passando a transformar como um meio de comunicação essencial” (p.95). Desta forma, a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos “aos poucos vão acrescentando os recursos necessários para a compreensão dialógica” (p.95).

Quando a comunicação inicial dentro do sistema de comunicação familiar parece não ser claro, surge nesse momento o “uso de apontamentos”, buscando a solução, a forma, para que o meio de diálogo flua, “levando a interação dialógica para um nível mais abrangente”. Corroborando com seus estudos acima citados, Albres (2009) afirma:

Sinais caseiros correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar. É comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda. A família acaba lançando mão desse recurso apesar de muitas vezes não aceitar a Língua de Sinais por pensar que esta atrapalhará a aprendizagem da fala do seu filho (ALBRES, 2009).

Isso só reforça, ao que Santana (2015), relata em seus estudos na perspectiva interacionista, analisando “o desenvolvimento gestual em crianças deficientes auditivas na interação com as mães ouvintes”. A autora afirma que há evolução na modalidade gestual em tais crianças, mas que sim, existe variação no grau e tipo de desenvolvimento, pois isto está interligado e depende da imagem que “o parceiro constrói do outro interlocutor”. Desta forma, a autora percebeu a potencialização de comunicação, bem como o desenvolvimento, surgindo ajustes de potencialidade do mesmo. Em seus estudos, comprovou as mudanças simbólicas do gesto como, por exemplo, o gesto em base, “com a função de regular a participação do outro”, surgindo assim a conjugação, pelo uso de “gestos apontar, dar, mostrar”. O enunciado aumenta com esses elementos linguísticos que conhecemos e definimos como elemento dêiticos.

Santana (2015), ainda ressaltando em seus estudos, confirma que seguidamente vão apresentando os gestos referenciais de natureza icônica para mencionar objetos, períodos, fatos do pretérito, “a fim de instaurar o jogo simbólico”, dando construção ao relato que está na imaginação, na narração do passado que quer ser apresentado.

Vilhalva (2009), em seus estudos sobre os sinais caseiros que aqui estamos mencionando, indica estes como sinais emergentes. A autora continua:

Os sinais emergentes foram criados devido a uma necessidade de comunicação, passando por sinais indicativos, icônicos e arbitrários. As maneiras que surgem cada sinal levam tempo para se entender principalmente quando os sinais criados conforme o neologismo, esses novos sinais passam a fazer parte da comunicação para depois designar algo consistentemente como acontece também nas línguas orais auditivas. A linguagem surge como uma resposta da mente humana, a sua interação com o meio (VILHALVA, 2009, p.96).

A autora supracitada reforça o que então concluímos até aqui sobre sinais emergentes: Resultado da linguagem do processo visual, usado pelos surdos indígenas e seus familiares ouvintes;

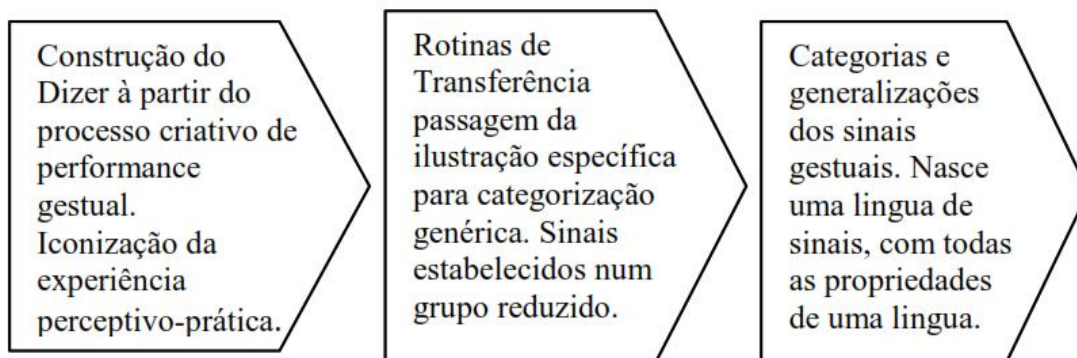
Na perspectiva interacionista a comprovação da evolução adaptativa com a língua de sinais dentro dos diversos espaços das comunidades indígenas.

Em sua pesquisa, a autora Vilhalva (2009) encontra respaldo para tal afirmação em Nonaka (2004), em que estes sinais emergentes são o ponto inicial das novas línguas de sinais e que seus estudos devem ser aprofundados. Em relação aos estudos sobre as interações entre os índios surdos, percebem que “apresentavam uma sinalização simples, “incompleta” com um léxico, em que predominam os sinais caseiros criados pelos próprios surdos para interagir

com as famílias e com as pessoas que os rodeiam, surgindo uma variação para um termo em Libras.

Conforme Cuxac (2000 *apud* VILHALVA, 2009), com sua teoria da iconicidade, em qualquer língua de sinais, o processo de organização linguística se inicia emergindo do mesmo processo cognitivo, em base de três princípios gerais que o rege:

Figura 2 - Princípios gerais, segundo a Teoria da Iconicidade



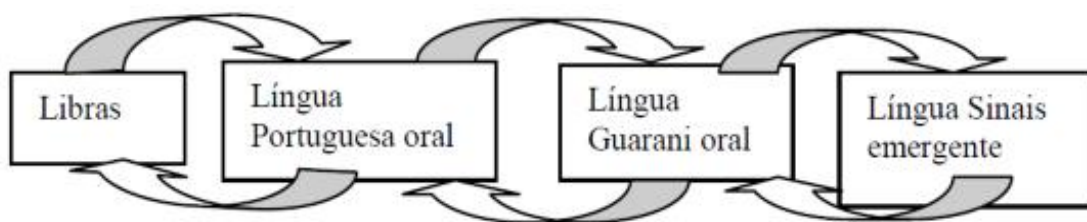
Fonte: Cuxac (2000 *apud* VILHALVA, 2009, p. 98.).

Segundo Vilhalva (2009, p.98) “O contato com a língua de sinais e as diversificadas formas de comunicação vem acontecer na escola” e no ambiente familiar com sinais caseiros e sinais emergentes. Na escola, acontecem os encontro entre alunos surdos, que partilham de uma língua visual (língua de sinais) e assoma-se “com a presença dos intérpretes de libras, funcionários, professores e demais colegas ouvintes” com todos estes “fazendo uso da língua de sinal sejam com sinais emergentes ou da Libras”.

Nas comunidades indígenas acontece um fenômeno muito interessante: a convivência em “ambiente diglótico³”, que proporciona uma vivência multilíngue que se dá pelo fato de que em muitas etnias existem mais de uma língua oral e existem duas sinalizações: a Libras e os sinais emergentes. Veja o esquema a seguir:

³ Na sociolinguística, a diglossia é a situação da variação linguística dentro de uma mesma comunidade de fala. O termo diglossia vem do grego que significa “falar duas línguas”. O linguista Charles Ferguson usou pela primeira vez essa definição em 1959. Para mais detalhes de pesquisa veja a página: [https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%C3%AAs/diglossia-language-varieties-1690392#:~:text=Em%20sociolingu%C3%ADstica%20%2C%20diglossia%20%C3%A9%20uma,da%20mesma%20comunidade%20de%20fala%20.&text=O%20termo%20diglossia%20\(do%20grego,ling%C3%BCista%20Charles%20Ferguson%20em%201959.](https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%C3%AAs/diglossia-language-varieties-1690392#:~:text=Em%20sociolingu%C3%ADstica%20%2C%20diglossia%20%C3%A9%20uma,da%20mesma%20comunidade%20de%20fala%20.&text=O%20termo%20diglossia%20(do%20grego,ling%C3%BCista%20Charles%20Ferguson%20em%201959.)

Figura 3 - Esquema Multilíngue



Fonte: Vilhalva (2009).

Vilhalva (2009) nos relata que nas situações em que ia às residências para conversar com as famílias, acontecia esse fenômeno multilíngue. Ao fazer alguma indagação, Vilhalva sinaliza em Libras, o intérprete de Libras passava para a Língua Portuguesa oral e um intermediador ou intérprete passava para Língua Guarani oral para a família. E ainda (esquema acima), um membro da família passava para sinais emergentes ao Surdo Indígena, que respondia e novamente retornava à enunciação pelo mesmo esquema. Tanto o intérprete de Libras quanto a autora aguardavam a informação enquanto era falado em Guarani, pois ambos a desconheciam.

A autora e pesquisadora, Vilhalva (2012) comenta que houve um avanço nessa interação em que os intérpretes “já estão adquirindo o guarani dentro da escola indígena”. No seu mapeamento e registro das línguas de sinais familiares como estão no ambiente escolar, foi levantado: a língua materna, a Língua Portuguesa, o Espanhol e a Libras. Os alunos adquirindo a Libras com os intérpretes e sua participação efetiva na comunidade, nesse caso, Dourados.

No caso da Etnia Tapeba, não temos duas línguas orais, mas a língua falada é a Portuguesa e a Libras. Por que não falamos que são sinais indígenas? Como no caso relatado pela autora Vilhalva, as línguas de sinais indígenas surgiram na comunicação emergente na família, mas evoluíram até se definirem como língua natural indígena por meio da troca, da interação. No caso dos sinais Tapeba, não poderia ser definido só pela comunicação particular da família de uma única aluna surda indígena. Realmente, para conseguirmos a comunicação com aluna surda indígena, precisávamos da ajuda da mãe e irmã para que acontecesse a compreensão e comunicação. Por exemplo, para chamarmos a aluna Surda Indígena para estudar, eu fazia o sinal em Libras “estudar” e ela balançava a cabeça de forma negativa, até que sua mãe intervia e dizia: “vem estudar!” (“vem escrever aqui!” com sinais gestuais). Desta forma, ela pegava o caderno, o lápis e se sentava para aprender. Era perceptível que precisava do auxílio de sua mãe. Também podemos claramente visualizar de maneira mais

clara a comunicação gestual: vem (chamar) + o escrever (iconicidade da imagem de lápis escrevendo) + (apontamento lugar). Nas pesquisas da autora Vilhalva (2009), relata uma história parecida:

...primeiro tentamos, “ficar amigos”, mostrando a máquina fotográfica, tiramos fotos de cada um de nós para mostrar a ela, começamos a nossa conversa em LIBRAS para ver como ela reagiria, e continuamos com as fotos e ela pediu em um sinal, que no princípio não entendemos mas logo depois compreendemos que era o sinal “árvore” dela mesma e tiramos a foto e mostramos para ela “é isto”, “sim”, e repetimos o sinal dela. A sr^a Ivone, mãe de aluna, chegou à escola, depois da apresentação, foi perguntado à mãe como é feita a comunicação entre a filha e ela. A professora traduziu a pergunta para a língua e foi perguntado à mãe como é feita kaiowá, ela (mãe) respondeu em português que usa sinais e expressões “sim” e “não”. Após uma conversa com a mãe, a professora nos disse que a aluna tem 4 irmãos “normais”. Mora com pai, mãe e um tio e usa gestos caseiros na língua kaiowá, mas tem boa comunicação, pois as línguas guarani/kaiowá estão misturadas e quase não tem diferença (...). Explicamos a importância da professora aprender com Daiana os gestos caseiros dela, pois desejamos que seja mantido para um possível reconhecimento da Língua de Sinais Indígena (VILHALVA, 2009, p.100).

Para encontrarmos os sinais indígenas da etnia Tapeba, como a pesquisadora e professora Vilhalva relata em seu trabalho, é essencial a criação de um grupo de estudo que possa imergir na comunidade indígena de interesse. Este grupo pode promover encontros entre os surdos indígenas, que possibilite o processo de desenvolvimento da linguagem. Todavia o foco desse trabalho é levantamento terminológico de termos indígenas da etnia Tapeba como contribuição ao léxico da Libras para que as interpretações Libras/Português/Libras no contexto educacional desta etnia se dê a contento.

Na seção a seguir entenderemos o contexto socioterminológico, a historicidade de Caucaia, em sequência a uma escola indígena da comunidade Tapeba a partir dessa noção, teremos esclarecimento na próxima seção sobre seu percurso metodológicos como foi realizado o levantamento dos sinais que designaram termos específicos da cultura Tapeba.

2. CONTEXTO DA PESQUISA: CAUCAIA, UMA CIDADE DE ORIGEM INDÍGENA

Caucaia é um município que fica na Região Metropolitana de Fortaleza, pertencente ao Estado do Ceará, “com cerca de 1.223,243km²”. O território Tapeba localiza-se nessa região. De acordo com estudos apresentados pela Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido - ADELCO, “as áreas tradicionalmente ocupadas⁵ são de 5.838 hectares delimitados pela FUNAI” (FUNAI, 2016). Atualmente, estima-se que nela residem 365.212 pessoas. Dentre estas, 10.000 são da etnia Tapeba (BALBINO, 2020).

De acordo com Barreto Filho (1994), em seu trabalho de Dissertação de Mestrado, o mesmo analisa os processos na comprovação da “Etnicidade” do povo Tapeba do município de Caucaia e como ela está intrinsecamente ligada a história do município. O autor nos explicita que o seu intuito é dar uma formulação mais adequada, reforçando as ideias antes apresentadas em torno da problemática de que trazer tal reconhecimento ao povo Tapeba envolvia um conjunto de dados diversificados e que estes definiriam sua identidade que daria legitimidade a esse grupo antes apagado da sua história.

Conforme Barreto Filho expõe:

Os pressupostos centrais da reflexão, assim como os conceitos com os quais operamos, advêm do conjunto de temas e problemas articulados, de um lado, pelos assim denominados "estudos de etnicidade" (rubrica que subsume um conjunto de investigações bastante diversificado, tanto do ponto de vista das situações etnográficas tematizadas, quanto do ponto de vista teórico e metodológico de abordagem dessas situações); e, de outro lado, pela perspectiva que vê a luta pela definição da identidade - "esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros", nas palavras de Bourdieu (1989:66) - como uma forma particular de luta pelas classificações e pela imposição dos critérios legítimos de ordenação destas. (BARRETO FILHO, 1994, p.3).

Estudos comprovam que a presença dos Tapebas foi reconhecida em pesquisas onde remontam ao início e a historicidade desse município. Tanto a etimologia do nome da cidade como do povo Tapeba vem da língua Tupi. Sobre isto, Barreto Filho (1994) esclarece sua variação fonética de Itapeava, que significa “pedra plana”, “pedra chata”, “pedra polida”,

⁴ Dados do IBGE 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caucaia/panorama>.

⁵ No livro “Plano de Gestão Territorial e Ambiental Indígena” (FERREIRA; VASCONCELOS, 2017), deixa explícito que esse termo utilizado se encontra na Constituição Federal, Art. 231, par. 1º, informando que “são terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanentemente, as utilizadas para as suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições” (BRASIL, 1988).

subsequentemente o nome do município e sua variação fonética “Ka’a-okai”: “mato queimado”, “bem queimado está o mato”, “mato que se queima”. Continuando a essa analogia, termos dados ao bairros, como o bairro ao qual moro, Potira, assim como às ruas que se cruzam nas proximidades de minha casa como rua Irapuã Vidal com Anhagá, bem como seu distrito Jurema, não há como desconsiderar a sua história e etnografia e o quanto ela nos remete a pensar e recontar a sua origem indígena.

O surgimento do município veio a partir da Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres ou Vila de Soure ou, como muitos reconheciam, “Vila de índios”, com as missões jesuítas que resultaram de ajuntamento de povos, trazendo a variação étnica e o surgimento do povo Tapeba.

Costa (2012) menciona que, essa origem, citando Barreto Filho (1994), surgiu do resultado do “inter-relacionamento” de quatro etnias indígenas cearenses: os Potiguara, os Cariri, os Tremembé e os Jucá, sendo essa junção um esforço não deliberado de reunir povos indígenas em uma área.

Sobre a veracidade das informações acima relatadas, Barreto Filho (1993) ressalta fatos convincentes:

Após a expulsão dos jesuítas e a ereção da Aldeia à categoria de Vila de Soure, aos Potiguara ter-se-iam reunido segmentos Cariri, Tremembé e Jucá, oriundos de deslocamentos forçados dos aldeamentos do interior ou de solicitações dos próprios principais indígenas, conforme deixa entrever correspondência entre os Diretores de índios dessas Aldeias e o Capitão-mór da Capitania (BARRETO FILHO, 1993, p.5).

2.1 Uma Escola Indígena na Comunidade Tapeba

Com contrato temporário firmado por meio do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação - CREDE 1, do Estado do Ceará, fui encaminhada para uma Escola Indígena localizada na comunidade dos Tabepa, uma escola estruturada em formato de um cocar, como podemos ver na figura a seguir.

Figura 4 - Imagem da Escola visto por cima



Fonte: Google Maps (2018).

Atentando à imagem, não imaginamos a luta para existência dessas escolas comunitárias indígenas. Segundo o vídeo do site Povos do Brasil (Projeto desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT em parceria com Ministério da Cultura), no seu banco audiovisual retrata a luta de uma dessas escolas que iniciou-se debaixo de um cajueiro e permaneceu desta forma por dois anos. Seus alunos não eram registrados no Censo, nem haviam recursos necessários, materiais e humanos para dar continuidade a sua existência. Por essa razão dependiam de doações de visitantes de fora da comunidade. Além disso, em época chuvosa, por falta de estrutura, era comum que as escolas existentes aos arredores da comunidade Tapeba, paralisassem suas atividades até que o período de chuva cessasse. Ao se passarem três anos, a falta de estabilidade da estrutura gerava o risco de desmoronamento, urgindo a necessidade de uma mudança de local.

Em meados de 1990, o vídeo explica a trajetória, (mudanças, até a afirmação de uma instituição educacional diferenciada). Para casa de uma liderança indígena da etnia Tapeba. No ano subsequente, um agricultor indígena, disponibilizou dois cômodos de uma pequena casa, na qual as aulas foram realizadas por três anos. Para atender a um projeto de plantas medicinais, foi construído um galpão, que mais tarde abrigou a uma escola indígena da comunidade. O galpão tinha apenas uma sala de aula, uma cozinha e um kit sanitário (banheiro) construído pela Fundação Nacional de Saúde – FUNASA. Nessas condições a escola funcionou por sete anos.

Atualmente, esta é uma escola que faz parte da Rede Pública do Estado do Ceará, integrando ao conjunto de doze escolas previstas no convênio firmado entre a Secretaria de

Educação do Ceará- EDUC, Fundação Nacional do Índio -FUNAI, Departamento de Estrada, de Rodagem e Tranpostes - DERT e com o Banco Internacional para Reconstrução e desenvolvimento – BIRD. O formato destas escolas foram determinados por meio de desenhos produzidos pelos docentes indígenas no Curso de Formação para Professores Indígenas do Estado, posteriormente projetado por um arquiteto da FUNAI.

Esses prédios retratam valores do povo indígena, demonstrando suas peculiaridades étnico-culturais. Cada escola traz em seu centro um círculo onde são realizadas a “roda do Toré” conforme especifica Silva (et al, 2018). O autor ao falar sobre a dança do Toré da tribo pankará, deixa claro que esta prática está presente em outras etnias indígenas brasileiras:

[...] Após esses ajustes, as atividades a serem vivenciadas precisam, além de exitosas em termos da passagem do nível informal para o mais formal sobre círculo, circunferência, raio, corda e diâmetro, fortalecer os valores e as crenças das crianças pankará sobre as formas de lidar com as relações de contradições e desigualdades sociais. Diante dessa caracterização, percebe-se que não se trata apenas de explorar condições como admitir as cabeças dos indígenas como pontos, se observadas do alto, mas de apostar na possibilidade de reconhecimento de uma “roda”, quando todos os participantes do toré estiverem posicionados (SILVA, et al, 2018, p.88,89).

Faz parte do hábito destas escolas indígenas da etnia Tapeba atividades escolares realizadas no decorrer da semana que iniciam pela manhã e encerram no final da tarde. São Atividades realizadas pelos professores e funcionários que implicam na celebração do Ritual do Toré como forma de agradecer a Tupã⁶ (Deus Jeová⁷) e fortalecer a relação entre o povo Tapeba, sua identidade e raízes indígenas.

⁶ Tupã, em conformidade com o Dicionário Tupi-Guarani online, significa *trovão* e é uma entidade da mitologia tupi-guarani. Os indígenas rezam a Nhandervuçu e seu mensageiro Tupã. Tupã não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus na forma do som do trovão. Regina Claro (CLARO, 2018), em seu livro “Encontros de história: do arco-íris à lua, do Brasil à África”, conta sobre o surgimento do mundo. No tópico “A Criação, o sopro de Tupã (Guarani)”, descreve Tupã como o Deus Criador de todas as coisas. Ele criou o homem a partir do barro, soprou-lhe no nariz e deu vida (p.8).

⁷ Jeová é o nome de Deus. Esse nome pode significar “Ele faz o que venha a ser”. Jeová é o Deus Todo-Poderoso. Ele criou todas as coisas e tem poder de fazer qualquer coisa que quiser. No livro “Você pode entender a Bíblia” (JW.ORG, 2016), é recontada a história dos Escritos Sagrados, onde Jeová criou Adão e Eva (p.65), de quem também formou o homem do pó do solo, soprou nas suas narinas e ele veio a ser. Para esclarecer porque hoje grupos indígenas usam o termo Tupã para Deus, Estevão Pinto, em sua obra “A religião dos Tupinambás e sua relação com as das demais tribus Tupi-Guaranis” explica as várias hipóteses das ideias concernentes a personificação de Tupã ou trovão ao Deus do Cristianismo (PINTO, 1950, p.114). Isso está interligado aos jesuítas, ao indagarem aos índios qual ser divino eles temiam, a qual sua resposta lógica (para eles os índios) que seria TUPAN, surgindo assim confusão entre o que seria a representação de um Deus, estabelecendo assim da Argentina até a Guianas o uso da palavra “Tupan” ao um Ser Supremo, motivo em que encontramos uma forte relação com os relatos das Escrituras, trazendo assim aos grupos “indígenas cristianizados” o Deus da religião cristã dentro de sua cultura.

É comum a essas escolas, a realização de eventos que reúnem toda a comunidade, pais, professores, funcionários e alunos junto com as representações importantes tanto da Educação Pública como das lideranças indígenas.

Nestes eventos habitualmente é apresentado a dança do Toré. Segundo Silva, explicita que:

O ritual do toré tem costumeiramente por ação inicial a realização de uma oração em que solicita ao pai eterno, Tupã, permissão e proteção para começar a desenvolver as ações que constituem a atividade do próprio ritual sagrado. A segunda ação consiste em cantar hinos (toantes) como sendo uma introdução. Até esse momento do ritual, não se configura ainda a formação de uma imagem que indique uma figura geométrica. Em um dado momento, emerge uma figura geométrica, o círculo, porque o movimento dos participantes, na prática do ritual, leva-os à formação de uma “roda”, na linguagem dos caboclos (SILVA, et al, 2018, p.86).

Interessante notarmos que toda essa estrutura leva em conta, como Menezes (2001) ressalta, a explicitar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em seu artigo 78, onde tem, em sua proposta, a oferta de ensino e pesquisa voltada a escola bilíngue e intercultural aos povos indígenas, já no seu primeiro parágrafo: “proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;” (BRASIL, 1996). Percebemos, assim, toda a preocupação de levar à comunidade escolar da etnia Tapeba, essa identidade de maneira visual, com o intuito de formar cidadãos que se reconheçam, na sociedade, por meio seus traços indígenas.

Como profissional intérprete, conhecedora da origem indígena da cidade em que vivo, minha função traz um conjunto de responsabilidades, atribuições que a educação Indígena exige, tais como, garantir sua especificidade sociocultural, bem como a preservação e uso de línguas indígenas no ambiente escolar. Assim, percebendo a carência dos termos específicos inerentes a essa cultura, fui fomentada a elaboração de sinais/palavras utilizando uma abordagem sociolinguística. Mas para compreendermos melhor o percurso da criação e catalogação destes sinais, com vistas a otimização da interpretações ofertadas no contexto da educacional da comunidade indígena Tapeba, foi necessário estabelecimento de um percurso metodológico.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Em busca dos objetivos aqui estabelecidos a saber: Buscar nos estudos terminológicos, os aspectos imbricados na elaboração dos termos, em contextos sociais específicos, para subsidiar o trabalho de tradução e interpretação no âmbito da educação escolar da etnia Tapeba. Identificar termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significados com os termos existentes na cultura Tapeba, elaborar termos necessários à interpretação no âmbito escolar no contexto da etnia Tapeba e catalogar os possíveis termos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados.

As questões que nortearam o alcance destes objetivos foram: Quais os termos, na língua brasileira de sinais, que apresentam equivalência de significado com termos específicos da cultura Tapeba? O que se pode fazer quando não é encontrado, na Libras, termos necessários a interpretação no âmbito escolar, no contexto da etnia Tapeba? Como promover o conhecimento dos termos/sinais específicos em língua de sinais, contextualizados à cultura indígena Tapeba, encontrados ou criados?

Assim, para responder tais questões e alcançar os objetivos propostos, se considerou adequada uma abordagem qualitativa, pois conforme Lakatos e Marconi (2010), neste tipo o pesquisador é levado a refletir sobre as ações ao meio que está envolvido. Esta abordagem busca compreender através de dados qualificáveis, de uma determinada situação social a partir das percepções dos envolvidos diretamente a pesquisa. Neste método são implementadas as técnicas de: coleta, codificação, análise de dados como objetivo de gerar resultados a partir dos significados ou do fenômeno em si estudado.

Conforme Andre e Ludke a abordagem qualitativa no ambiente educativo tem como característica:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Por exemplo, se a questão que está sendo estudada é a da indisciplina escolar, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifeste, o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar. Como os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, sem qualquer manipulação intencional do pesquisador, este tipo de estudo é também chamado de “naturalístico”(1986, p. 11-12).

As autoras Andre e Ludke (1986) continuam a esclarecer que esse tipo de abordagem se desenvolve com aparência de um funil: no início há questões ou interesses são amplos porém estas vão sendo determinadas finalizando em algo mais direto e específico. Mas também, por ter buscado suporte teórico junto a diversos autores que abordam o tema aqui trabalho, trazendo segurança às informações expostas, pode se compreender também, como sendo bibliográfica. Este tipo de abordagem não é mera repetição dos pressupostos dos autores, ela tem como objetivo trazer uma nova visão, outro enfoque, surgindo conclusões inéditas. Para Manzo (1971) o estudo bibliográfico tende a oferecer a exploração de problemas já conhecidos como também nova área a ser explorada, pois estes ainda não se cristalizaram de maneira concisa (LAKATOS, MARCONI, 2003 p.184).

A pesquisa, ainda apresenta características que a identifica como Estudo de Campo. Isto levando em conta ao contexto específico ou seja as questões que surgiam em uma Escola Indígena da Comunidade Tapeba, em conformidade com Padranov e Freitas que esclarece:

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo, uma comunidade, a fim de estudar aspectos variantes de sua vida de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa [...] (2013, p. 60).

Portanto, este trabalho pode ser assim identificado: Um estudo de campo, de caráter qualitativo de cunho bibliográfico.

3.1 Procedimento metodológicos: Levantamento Terminológico indígenas e sua transição para a Libras

O estudo terminológico, mesmo que de forma intuitiva, é uma constante na vida do Tradutor Intérprete, que sempre está buscando novos itens lexicais. A pesquisa desses novos termos se fez indispensável ao meu trabalho como Tradutora intérprete da língua de sinais, em uma Escola Indígena da Comunidade Tapeba. Isto porque tratava-se de fazer transposições culturais, sendo uma dessas culturas, ainda não apropriadas por mim. Inicialmente constatei a necessidade de saber os sinais de termos comuns, usados no âmbito escolar. Alguns destes foram: aldeia, cocar, oca, maraca, cacique, pajé. Também: etnia, Funai, Identidade Indígena, Graças a Tupã, dentre outros. A datilologia foi um recurso bastante usado na enunciação destes últimos termos citados, embora soubesse que este não fosse, no dado contexto, o

melhor recurso. Havia também muitas dúvidas na busca de equivalências linguísticas para os termos citados.

Para solucionar este problema foi consultado o trabalho, anteriormente citados aqui, da professora Doutora Shirley Vilhalva, Mapeamento das Línguas de sinais emergentes: Um estudo sobre as comunidades Linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul (2009). E após as contribuições retiradas do dito trabalho, foi feita uma análise do contexto da etnia, do conceito imbricado na palavra a ser traduzida, e a trajetória do povo Tapeba para designação do sinal/termo de identificação para, Tapeba.

Dando sequencia ao estudo terminológicos com vistas ao encontro de sinais equivalentes às palavras, antes mencionadas, foram utilizados grupos de participantes de redes sociais, que de algum modo tem envolvimento com a temática aqui abordada, o que se mostrou adequado ao contexto proporcionado pela pandemia da Covid-19. Como ponto de partida de nossos estudos foi lançado, nestes tais grupos, um texto que deveria ser traduzido levando em conta os termos relacionados diretamente ao contexto sociocultural da comunidade Tapeba. A partir deste texto surgiram diversas possibilidades de uso de sinais equivalentes para os termos específicos, ali encontrados.

Além dos termos trazidos no texto, haviam ainda outros que foram mencionados anteriormente que necessitavam ser explorados em seu significado, levando em conta seu contexto sociocultural.

A seguir a lista destes respectivos termos e os sinais que foram tomados como equivalentes, tanto em sua forma (configuração) e significados, após apurado estudo.

3.2 Coleta e Análise dos Dados: Levantamento Terminológico da Etnia Tapeba e seus respectivos sinais em Libras.

Conforme levantamento socioterminológicos realizado por meio tanto de trabalhos, já publicados, como consulta em sites e rede sociais, chegou-se aos termos apresentados na tabela a seguir. Observe que na primeira coluna se encontram os verbetes em Língua Portuguesa, na segunda, os recursos visuais que dão sentido às informações trazidas e na terceira coluna, o valor quantitativo de sinais em Libras dos termos indígenas encontrados.

Tabela 1 – Tabela de levantamento Terminológico dos termos indígenas para Libras

Tabela de Levantamento Terminológico dos termos Indígena para Libras		
Termo em Português	Imagem	Quantidade cadastrada
Aculturação	 <p>Fonte: Portal do vestibular (2017)</p>	1
Aldeia	 <p>Fonte: Museu da Pessoa (2014)</p>	1
Ancestrais	 <p>Fonte: Blog do Lauriberto (2019), (preto e branco editado).</p>	1
Arco-Flecha	 <p>Fonte: Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2019)</p>	1
Cacique	 <p>Fonte: Museu da Pessoa (2014)</p>	1
Caboclo		2 (variações)

Tabela de Levantamento Terminológico dos termos Indígena para Libras

Termo em Português	Imagem	Quantidade cadastrada
	Fonte: Blog Faço arte e existo (2011)	
Cocar	Sem imagem	1
Colonização	 Fonte: História Primeiro Ano A (2016)	1
Descendência	 Fonte: Revista Circuito (2020)	1
Descolonização	(Sem imagem)	1
Etnia	 Fonte: wikipedia.pt (2009)	1

Tabela de Levantamento Terminológico dos termos Indígena para Libras




Termo em Português	Imagem	Quantidade cadastrada
Funai	 <p>Fonte: Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2009)</p>	1
Guarani	 <p>Fonte: Espaço Conhecimento UFMG (2020), [grifo nosso].</p>	2
Identidade Indígena:	 <p>Fonte: Conhecimento Científico – R7.com (2020)</p>	1
Indígena	 <p>Fonte: Fundo Brasil (2015) Fotógrafo Jarbas Oliver.</p>	7
Indigenista	 <p><small>© Bruno Jorge</small></p>	2

Tabela de Levantamento Terminológico dos termos Indígena para Libras





Termo em Português	Imagem	Quantidade cadastrada
	<p>Fonte: g1.com (2019)</p>	
<p>Jesuíta</p>	 <p>Fonte: historiado brasil.net (2014)</p>	<p>1</p>
<p>Maraca</p>	 <p>Fonte: Blog Museu Kanindé (2012)</p>	<p>1</p>
<p>Mestiço</p>	 <p>Fonte: brasil.escola.uol.com.br (2010)</p>	<p>1</p>
<p>Não-indígena/Índio</p>	 <p>Fonte: pixabay.com (2015)</p>	<p>1</p>

Tabela de Levantamento Terminológico dos termos Indígena para Libras

Termo em Português	Imagem	Quantidade cadastrada
Oca	 <p>Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2013)</p>	1
Pajé	 <p>Fonte: Jornal O Povo do Ceará (2020)</p>	1
Tapeba	 <p>Fonte: Metropole News (2020)</p>	1
Tupã	 <p>Fonte: incrível.club (2020)</p>	4

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Por meio do levantamento terminológico, foi identificado em ficha terminológica uma amostragem de dez sinais-termos (expressão da autora Martins (2018), entre eles: Etnia Tapeba, um novo sinal para indigenista com duas opções, Tupã com as suas variações, mestiço, caboclo e suas variações.

Com isso, é forçado a mencionar a ampla necessidade de preservação da cultura por meio da escrita, elencando as informações encontradas. Conforme Mcenery e Wilson (1996, *apud* ALUISIO; ALMEIDA, 2006), recomendam.

3.3 A Busca pelos Termos





Como dito anteriormente alguns sinais aqui registrados foram frutos da coleta realizada em trabalhos realizados que abordaram a temática, visitas a sites e redes sociais, bem como da minha convivência com a comunidade surda e da minha experiência enquanto tradutora intérprete da língua de sinais atuando em contextos educacionais indígenas.




Como exemplo desta busca há a palavra “indígena”. Sobre esta foi encontrada oito variações. Inicialmente, fiz um vídeo contendo quatro sinais para designar o sinal-termo “Indígena/Índio”, lancei em grupos de profissionais intérpretes, dos quais participo, na rede social WhatsApp. Obtive retorno, de forma aleatória, de seus participantes de mais quatro formas diferentes de sinalizar os termos referidos. Algumas destas formas foram confirmadas posteriormente por meio de buscas realizadas no YouTube.

Na plataforma YouTube, em consulta a canais particulares foi definido o primeiro sinal-termo para Indígena, que chamaremos de Indígena 1. Temos o Canal Céu em Libras em que trata de sinais indígenas com a temática astronomia Indígena em Libras. Neste canal, confirmamos este sinal que denominaremos de Indígena 2. Encontramos muitos outros canais, porem este foi o mais difundido. Além deste canal também foi consultado o Canal Libras e Tradução da Faculdade de Letras UFG, este disponibilizou a palestra que foi realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás no dia 08 de abril de 2016.

Conforme exemplificado no trabalho, estamos citando canais que são de projetos mais confiáveis. Sabemos que muitos canais particulares citam sinais em Libras.

Tabela 2 – Variações terminológicas do termo “Indígena”

Palavra em Português	Sinal-Termo
Indígena 1	
<p>Indígena 2: Céu em Libras Canal Letras e Tradução da UFG; Libras e Tradução da Faculdade UFG.</p>	
<p>Indígena 3: Itaú Cultural Vídeo História Indígena - Uma Shubu Hewia</p>	
<p>Indígena 4: Índios Surdos - Educação Especial II</p>	
<p>Indígena 5 Região-Norte</p>	

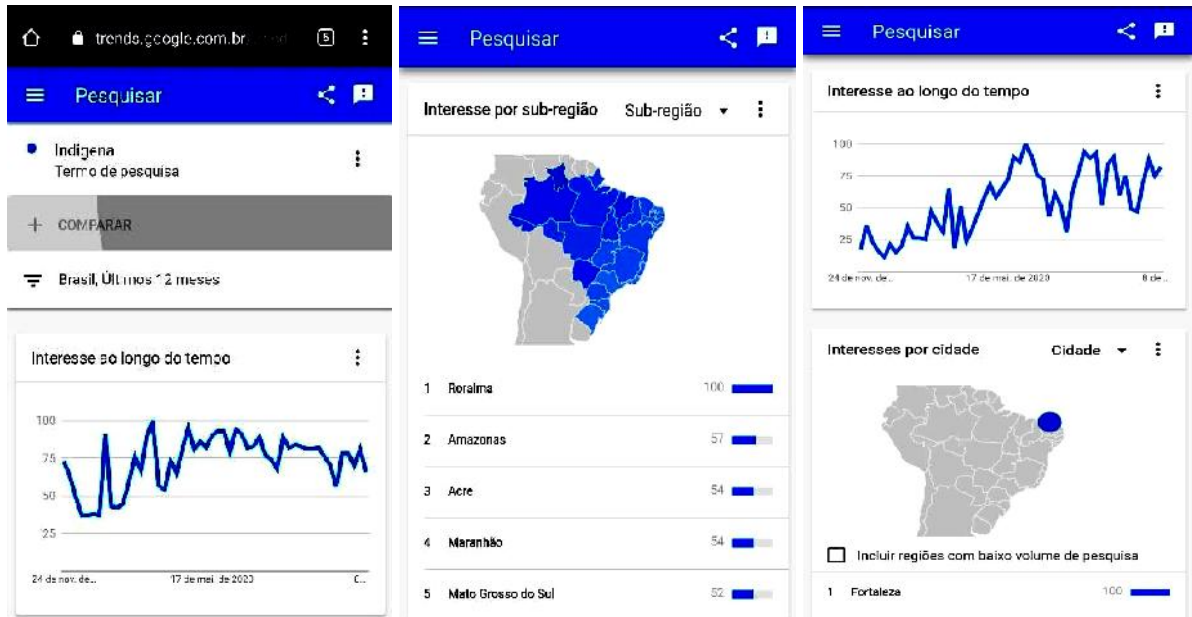
Palavra em Português	Sinal-Termo
Indígena 6	
Indígena 7	
Indígena 8	

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

3.4 Descrição procedimental do levantamento terminológico

Foi utilizada também nesta pesquisa a ferramenta do Google denominada Google Trends. Esta é uma ferramenta gratuita do Google que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ao longo do tempo” (FARIAS, 2020). Em um demonstrativo, por meio de um gráfico automático, ele apresenta a “palavra-chave” da sua busca e o grau de interesse em um período do tempo. Não iremos apresentar todas as palavras, mas apenas como exemplificação, vejamos a palavra “Indígena” em gráficos usando esta ferramenta, apresentado por linha do tempo, regiões no Brasil e Estado do Ceará, especificamente Fortaleza.

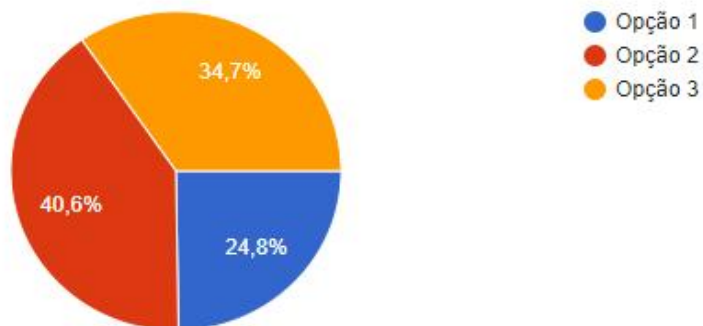
Figura 5 – Interesse na temática indígena na horizontal 1, 2 e 3.



Fonte: Aplicativo Google Trends (2020).

Como mencionado anteriormente foi realizada uma investigação no dia 4 de novembro sobre os novos termos Indígenas para Libras utilizando o formulário do Google Forms para apresentação desses sinais-termos. As perguntas no formulário 1 continha fácil entendimento. Foi disponibilizado, de forma aleatória, na rede social WhatsApp, em grupos de intérpretes de Libras. Nesse formulário foram apresentados os seguintes sinais: Tupã ficha 7, Tupã ficha 8, Tupã ficha 9, e perguntado aos participantes dos grupos, qual seria o sinal de sua preferência? De forma não identificada e aleatória os componentes dos referidos grupos responderam, veja no gráfico abaixo quais foram as escolhas.

Gráfico 1 – Sinais-termos para Tupã à Comunidade Surda



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O formulário foi respondido pela maioria dos intérpretes, ou seja, pessoas da comunidade Surda. A cor azul representa o sinal da Ficha 7, a vermelha Ficha 8 e laranja a Ficha 9. O sinal Tupã começou com a ideia de um Deus que abençoava, mas seu poder era demonstrado por ação com um raio. Ao trocar ideias, a técnica *brainstorm*⁸, ficou assim: o sinal da Ficha 7, a mão E (Esquerda), em configuração número 3 palma para cima, representa o Planeta Terra com seus quatro elementos principais: água, terra, fogo e ar. A mão D (Direita), de cima para baixo em diagonal, vem como uma força de poder criando todas as coisas.

Na Ficha 8 e 9, outros dois sinais-termos, viramos a configuração da mão E para baixo lembrando assim a representação dos povos indígenas do Norte, a ideia de outro sinal agora inserido em Tupã. Veja a imagem que foi incorporada nesse sinal.

Figura 6 - Oca da Etnia Krahô em Tocantins



Fonte: Revista Globo Rural (2017).

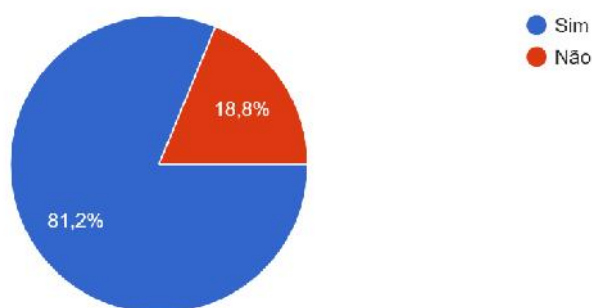
Na sequência, o sinal era apresentado aos grupos, da já referida, rede social, para constatação do gosto pela escolha do sinal “Mestiço”. Era uma alternativa de sim ou não, pelo gráfico, alguns não acharam interessante. Mas como é perceptível, a maioria se agradou desse novo sinal-termo em vista que, se estudarmos, nos aprofundarmos no conceito de raças e etnia como mencionado por Santos et al (2010), os mesmos trazem essas duas palavras que têm “conceitos relativos e âmbitos distintos”. Eles afirmam que “raça refere-se ao âmbito

⁸ De acordo com Wikipédia (2020), o *brainstorming* (em português "tempestade cerebral") ou tempestade de ideias, é mais que uma técnica de dinâmica em grupo. É uma atividade que amplia e potencializa a criatividade de um indivíduo ou de um grupo (criação em equipe) colocando-a a atuar em objetivos pré-determinados, trazendo bons resultados.

biológico”, aplicando-se ao que somos “seres humanos”, explicitando: “é um termo que foi utilizado historicamente para identificar características humanas socialmente definidas”, mas o termo “Etnia” refere-se ao âmbito cultural. Um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e genéticas. Na criação, como já mencionado acima, no grupo de estudo há a participação de professores surdos, e as escolhas são pautadas em muita discussão sobre qual a melhor representatividade do sinal.

Assim, apresentamos como trabalhamos desde o conceito até a configuração de um novo sinal.

Gráfico 2 – Demonstrativo de aceitação do novo sinal-termo

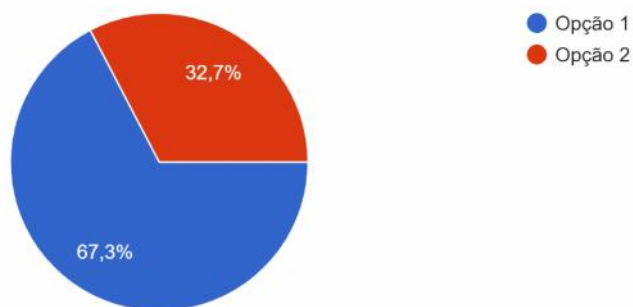


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para realização da análise dos dados aqui coletados, seguimos os passos de Faulstich (1995), que afirma que é preciso ver as condições que se utilizará de acordo com as particularidades do contexto. Tudo isso deve estar focado na produção para futuros trabalhos técnicos e científicos. A autora menciona a importância da seleção bibliográfica para respaldar seu trabalho assim facilitar a vida do pesquisador, pois balizará em critérios que o auxiliará na descrição do termo.

Prosseguindo com as respostas do formulário 1, indagamos ao grupo sobre o sinal-termo “caboclo”. Em vista da existência de um sinal-termo caboclo, criamos um novo sinal mais claro que melhor definisse o conceito de raças. Dessa forma, surgiu a dificuldade de uma tradução, um sinal mais específico para o contexto. A cor azul refere-se ao novo sinal-termo Ficha 1 e, sequencialmente, o vermelho, Ficha 2.

Gráfico 3 – Sina-termo “caboclo”

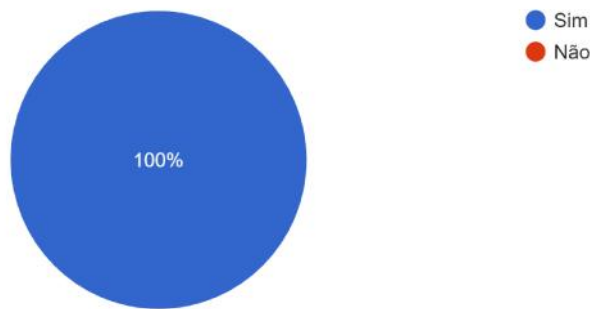


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A idealização do termo Indigenista veio dos noticiários. Um termo muito utilizado em nosso momento histórico. A descrição do sinal consiste da luta pelos ideais indígenas, que veio da existência do índio e não o inverso. Assim, a configuração da mão D n° 6, vem em sequência a mão E que em ambos os casos, surge depois do representante indígena. No Indigenista 1, a pintura na cara representa o revestir da causa do índio. Já no Indigenista 2, a ideia que o indígena vem a frente do indigenista, a luta que ele apoia, tem haver com primeiro a existência da pessoa indígena. Neste segundo termo, usamos o sinal para indígena da região Norte, na qual a configuração de mão n° 49 representa o cocar e a representação facial da pessoa indígena. Além do conforto na sinalização surgiu esse sinal-termo do primeiro. Um empréstimo do sinal Indígena anteriormente criado junto aos alunos surdos indígenas.

Propomos a Etnia Tapeba no ano de 2018, um sinal para sua representação em Libras. Utilizamos esse sinal-termo há dois anos. O sinal Tapeba, como já mencionado, foi criado pelo Professor surdo da UFC, que analisou a historicidade dos Tapeba e a etimologia da palavra, fornecendo toda essa iconicidade ao termo. A mão D n°55 representa o cocar. A escolha dessa configuração deve ao fato que o número 4 representa os elementos básicos da natureza: água, fogo, terra e ar, a mão E em configuração n°12 explicita a derivação da palavra mencionada no começo desse estudo. Tapeba vem da língua Tupi. Sua denominação vem da variação fonética de Itapeava, que significa “pedra plana”, “pedra chata”, “pedra polida”. Desta forma, a configuração simboliza “pedra”. Juntando os parâmetros, finalizamos com a imagética “cocar na pedra” ou os Tapeba. Foi disponibilizado para quem quisesse aprecia-los e avalia-los. Assim recebidos feedbacks de membros da comunidade não identificados que consideraram os sinais apropriado a expressão de sua cultura. Aos retornos percebemos 100% de aprovação. Veja no gráfico subsequente.

Gráfico 4 - Sinal Etnia Tapeba

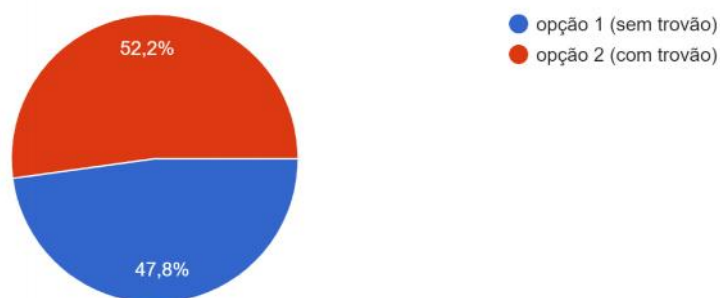


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O formulário 1 era acompanhado de uma tradução em Libras para as indagações referentes. O oposto era indispensável para o esclarecimento da representativa do termo na Libras para pessoas ouvintes. Nesse formato, obtivemos o feedback com a excelente reação e identificação do sinal, aprovação do social ou o meio.

Curioso neste levantamento com análise de dados, percebe-se no processo, no gráfico a seguir que o sinal que foi aprovado. Nessa enquete objetivava que o sinal com maior aprovação seria nomeado como sinal da Etnia Tapeba. Esse foi o acordo na criação da enquete. Observe os resultados:

Gráfico 5 - Escolha Tupã Tapeba



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Observamos que foi bem estreita a disputa para identificar o sinal Tupã na Etnia Tapeba. Deixemos que as escolhas e suas variáveis coexistam. São nas escolhas do vocabular

que se enriquece uma cultura e uma língua. Assim, mantivemos a palavra em consistência ao resultado.

3.4.1 Instrumento de coleta dos Termos

Conforme já exposto, os sinais-termo que serão apresentados a seguir veio da carência na Tradução de um texto. Estes são uma amostragem do trabalho desenvolvido. A escolha foi de dez sinais, sendo nove destes sinais-termos novos gerados a partir de consultas às redes sociais, sites, literaturas sobre o assunto e pelo aprendizado proporcionado pela minha experiência enquanto intérprete da Libras em contexto educacional indígena.

Nesta organização, utilizamos em base as configurações de mão levantada de Farias-Nascimento (2009), as quais têm em seus registros 75 CM. O parâmetro ENM não foi usado no primeiro momento. Na descrição, na ficha terminológica do sinal-termo, a expressão que estamos usando é de Martins (2018), pois, conforme Felipe e Monteiro (2007), com a “combinação de quatro parâmetros ou cinco tem-se o sinal”. Desta forma, sendo usado somente na descrição os quatro parâmetros CM, M, Or e PA, determinamos o sinal termo. Para perceber algumas destas ENM, utilizamos os QR Codes. Desta forma, estas poderiam ser notadas. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), “a morfologia é o estudo da formação de palavras”, afirmando que estas “unidades mínimas com significado constrói novas palavras ou sinais”.

Com um estudo de levantamento terminológico encontramos o trabalho de Santos (2018), com uma inovação na lista terminológica com QR Code, além do processo do seu trabalho ter usado o aplicativo de edição de vídeo que faz parte do meu cotidiano desde que entrei no curso Letras Libras, Movavi Video Suite. Usando as palavras da autora: “é um editor de vídeo profissional com várias ferramentas e técnicas para edição de vídeos”. Complementando que é um software prático, com respostas rápidas, de fácil compreensão, principalmente se houver insegurança pelo usuário, além de realizar conversão tanto de áudio como de vídeo. Como a autora menciona, ele também tem gravador de tela, recurso que no nosso caso não utilizamos.

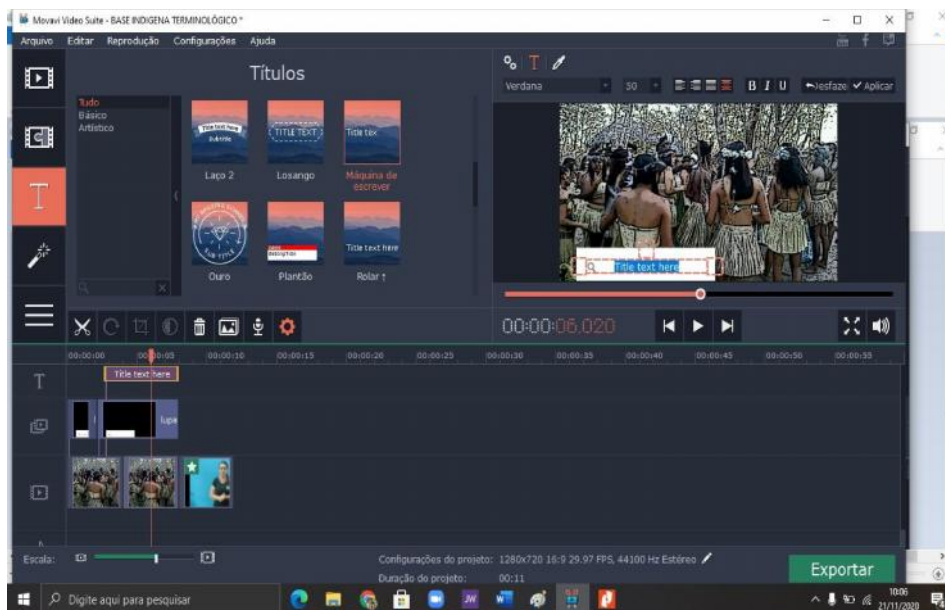
Desta forma, usamos o Movavi para criar uma tela representativa para a entrada do sinal de Terminologia indígena. A intenção era chamar a atenção para temática na comunidade surda. Quem sabe a criação de uma plataforma, um dicionário ou similares. Abaixo, temos o software de edição e a base criada para entrada do sinal.

Figura 7 – Tela de início do software Movavi Video Suite, versão 15



Fonte: Acervo pessoal (2020).

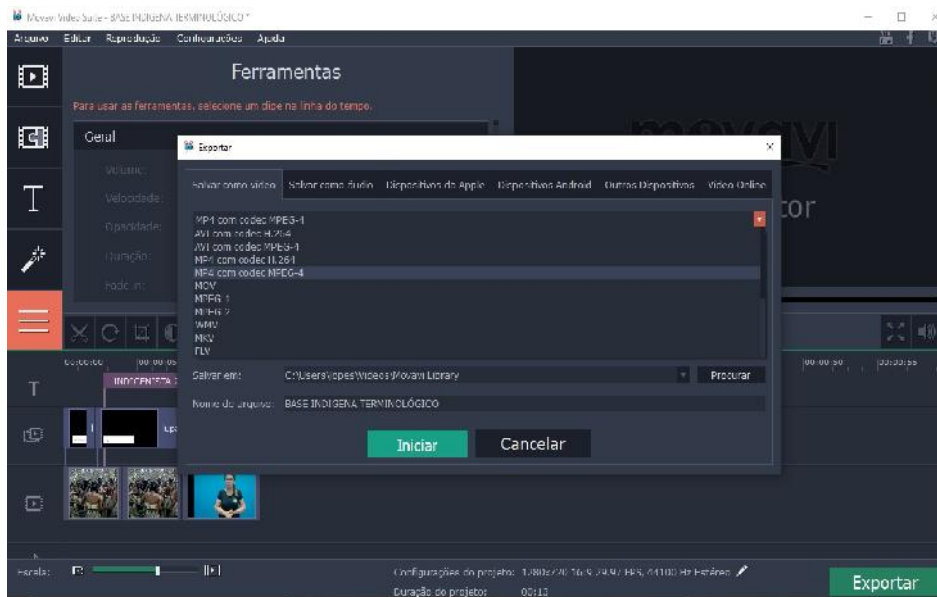
Figura 8 - Montagem da base da entrada terminológica



Fonte: Acervo pessoal (2020).

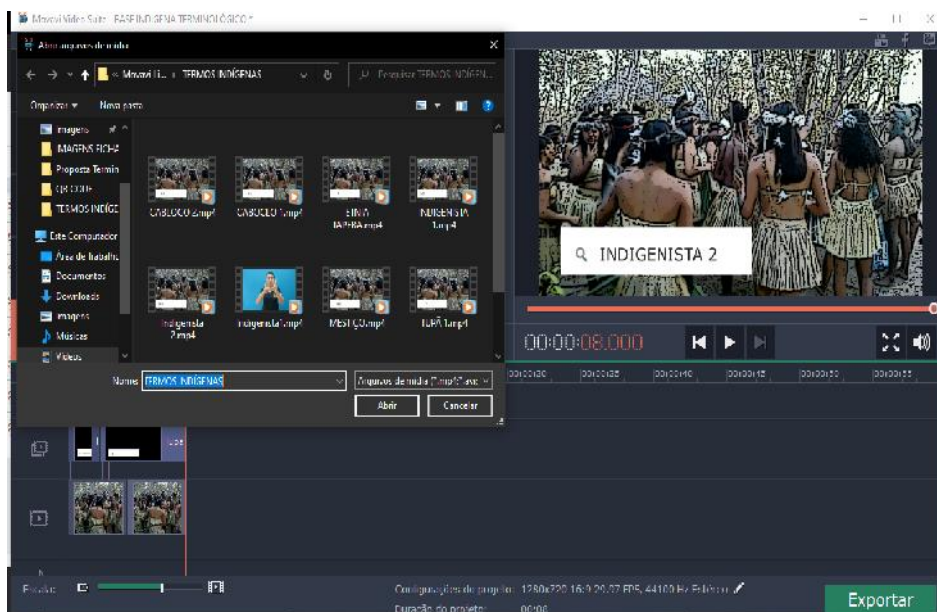
O software permite criar projetos. Deixei, assim, a base pronta e adicionava o sinal. Cada um deste sendo salvo em formato mp4 e em boa qualidade. Após essa etapa, o próprio aplicativo cria uma pasta no disco local (C:\Vídeos\Movavi Library...). Dentro deste, em virtudes de outros trabalhos de edição, criei uma pasta “Termos Indígenas”.

Figura 9 - Opções de conversão do vídeo



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Figura 10 - Pasta Movavi Library



Fonte: Acervo pessoal (2020).

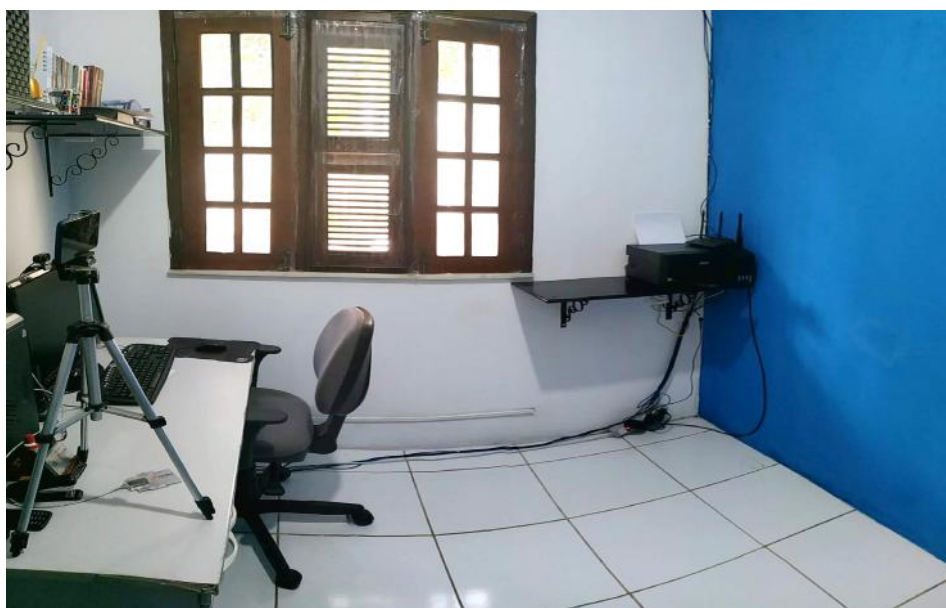
Prosseguindo o processo, os vídeos acima visualizados foram enviados para plataforma do YouTube, mas antes foi utilizado um e-mail, criado com finalidade de armazenando desse levantamento a qual desejo dar continuidade. Avançando no projeto, utilizamos a ideia de Santos (2018), transformando o link dos vídeos produzidos e criando o

código QR Code. Utilizamos um gerenciador de códigos QR Code gratuito. Nele, podemos alterar a cor do código. Escolhemos a cor roxa para esse referido trabalho, pois essa cor representa a tradução. Após inserir o link do vídeo e dando o comando de download, geramos um código em JPG. Confira na ficha terminológica.

3.4.2 Estúdio de Gravação

Para realização do referido trabalho, necessitaríamos de um ambiente propício para produção desses sinais. O estúdio de gravação é equipado com parede na cor azul. Utilizamos um tripé para fotografia com clip para smartphone Weifeng WT3130, alumínio (altura máxima de 1.24m e altura mínima de 42.5cm), câmera HD do aparelho Redmi Note Pro 6 e não usamos alguns equipamentos de iluminação para gravações, só iluminação do ambiente e iluminação natural das gravações que foram feitos no período da manhã.

Figura 11 - Estúdio de gravação/home office



Fonte: Acervo pessoal (2020).

3.4.3 Ficha Terminológica

Adaptamos, assim, a ficha terminológica de Santos (2018) para melhor se adequar ao nosso levantamento terminológico. Conforme Faulstich (1995), sobre a importância de uma ficha terminológica, “o registro do termo é feito em uma ficha de terminologia a qual

funciona como uma «certidão de nascimento»”. Desta forma, a finalidade da ficha era registrar o termo que foi produzido.

A ficha contém: (a) Numeração registrando a ficha; (b) Termo ou a glosa em Língua Portuguesa; (c) O campo de espaço para inserir o QR Code; (d) O campo de espaço para a imagem em Libras; (e) Identificando que a formação do sinal se realiza nos parâmetros da Libras; (e.1) Temos o parâmetro de Configuração de Mão; (e.2) Movimento; (e.3) Ponto de Articulação ou Localização; (e.4) Orientação de Mão e (f) Fonte dos dados.



Observe que nessa ficha terminológica não apresentamos o parâmetro ENM. Para a coleta de dados e visualização das ENM, utilize o QR Code.

Tabela 3 – Modelo de Ficha Terminológica

(a)	FICHA N° XX	
(b)	TERMO	
	QR CODE	IMAGEM
(c)		(d)
(e)	PARÂMETROS DA LIBRAS	
(e.1)	CM	
(e.2)	M	
(e.3)	PA	
(e.4)	Or	
	(f) Fonte dos dados:	

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 4 – Ficha nº 01

FICHA Nº01	
CABOCLO	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão D em nº54 e 56
M	De esfregar para cima
PA	Na cabeça, rosto
Or	Para dentro
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 5 – Ficha nº 02

FICHA Nº02	
CABOCLO 1	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão E e D em nº17
M	Dobramento do pulso para cima
PA	Tronco no braço
Or	Para dentro
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 6 – Ficha nº 03

FICHA Nº03	
INDIGENISTA 1	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão D nº45 e 6 e mão E em nº6
M	1º contato desliza para dentro e fora contínuo.
PA	Cabeça específico no rosto em direção ao espaço neutro
Or	Mão E inicia para dentro e seguidamente para fora, mão D direcionalidade para fora
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 7 – Ficha nº 04

FICHA Nº04	
INDÍGENISTA 2	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão D em nº45, 42 e nº6 e mão E em nº49.
M	1º contato desliza para dentro e fora repete e depois contínuo.
PA	Espaço neutro
Or	Mão D Para dentro e fora e depois reto contínuo; Mão E para fora reto.
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 8 – Ficha nº 05

FICHA Nº05	
MESTIÇO	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão D em nº43
M	Tipo interação cruzado unidirecional para fora
PA	Cabeça, rosto
Or	Para o lado Ipsilateral
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 9 – Ficha nº 06

FICHA Nº06	
TAPEBA	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Mão D nº55 e mão E nº12.
M	Unidirecional para fora de retenção.
PA	Espaço neutro
Or	Para dentro
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 10 – Ficha nº 07

FICHA Nº07	
TUPÃ 1	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Configuração de mão E nº13 palma para cima e mão D nº 3.
M	Mão D em forma de seta abrindo sobre a esquerda
PA	Espaço neutro
Or	Em diagonal de cima para baixo
Fonte:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 11 – Ficha n° 08

FICHA N°08	
TUPÃ 2	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Configuração de mão E n°13 palma para baixo e mão D n° 3
M	Mão D em forma de seta abrindo sobre a esquerda
PA	Espaço neutro
Or	Em diagonal de cima para baixo
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 12 – Ficha nº 09

FICHA Nº 09	
TUPÃ 3	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Configuração de mão E nº13 palma para baixo e mão D nº 26
M	Mão D em forma de seta abrindo sobre a esquerda
PA	Espaço neutro
Or	Em diagonal de cima para baixo
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Tabela 13 – Ficha nº 10

FICHA Nº10	
TUPÃ TAPEBA	
QR CODE	IMAGEM
	
PARÂMETROS DA LIBRAS	
CM	Configuração de mão E nº13 palma para cima e mão D nº 26
M	Mão D em forma de seta abrindo sobre a esquerda
PA	Espaço neutro
Or	Mão E em diagonal de cima para baixo, mão D passiva.
Fontes dos dados:	Configuração de mãos de Faria-Nascimento (2009); Ferreira-Brito (1990 <i>apud</i> QUADROS; KARNOPP, 2009).

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terminologia propõe na sua metodologia ações de: “coleta, descrição, processamento e apresentação de termos”, com a finalidade de gerar “*o produto*”: grupo de termos ou vocábulos, de uma dada especialidade.

Desta forma coletar dados existentes de termos indígenas significa, dentre outras coisas, apresentar sua historicidade, cultura e fortalecer suas origens. Todos estes aspectos atribui maior significância a este trabalho. Nesse contexto o Tradutor Intérprete tem oportunidades únicas fortalecedoras não só de saberes, mas principalmente de aperfeiçoamento humano e profissional.

O estudo do conceito ao observar os pressupostos da socioterminologia ajuda a ampliar o registro da cultura surda indígena. A Terminologia traz em si a marca de uma trajetória, o registro de um período histórico, a preservação da cultura de um povo. Esta área de conhecimento não se torna arcaica, mas se moderniza e a cada dia se reveste de uma nova estrutura representativa e convidativa, usufruindo da diligência chamada tecnologia

Considerando o leque de abrangência dos estudos terminológicos, nesse trabalho delimitamos o procedimento metodológicos considerando o método dialógico na aplicação dos instrumento de coleta de dados. O que se mostrou muito produtivo e nos conduziu à conclusão de que os termos encontrados não somente enriquece a língua de sinais brasileira como coopera com o trabalho do tradutor intérprete da Libras, nos âmbitos educacionais indígenas Tapeba, como nos vários espaços de sua atuação.

O levantamento dos termos indígenas apresentados aqui é uma pequena amostragem de uma área a ser explorada. A formação do termo em Libras teve como base os estudos fonológicos de Faria-Nascimento (2009) em relação às Configurações de Mão - CM, esta autora contribuiu com sua catalogação de 75 CM, as descrições dos parâmetros Movimento - M, Ponto de Apoi - PA e Orientação - Or. A análise destes parâmetros, realizada por Farias(2009) ajudaram no desenvolvimento da descrição dos termos/sinais, além do uso de tecnologia QR Code da Ficha Terminológica, para que sinal possa ser visto pelo leitor, em movimento.

Assim, alguns dos termos pertencentes a cultura Tapeba foram aqui catalogados, tanto aqueles que já existiam na cultura mencionada, como aqueles que foram criados. Estes últimos passaram pelo crivo de uma equipe constituída por linguistas, surdos, tradutores intérpretes da língua de sinais e os indígenas da comunidade tapeba. Faulstich (1995) discute a necessidade

de “um linguista em terminologia, especialista de área científica/ou técnica específica, de tradutor, de especialista em informática ou especialista da área de ciência da informação” para fazer o levantamento terminológico e produção de termos em língua de sinais. Por essa razão busquei formar a referida equipe, para que atender, minimamente, os pressupostos, do referido autor.

O registro desses sinais além de contribuir com a ampliação do léxico da Libras, também oferta subsídio para o tradutor intérprete da língua de sinais que atua em contexto similar ao abordado aqui. Além disso oportuniza à comunidade surda indígena e não indígena a acessar conceitos representativos da ancestralidade, costumes e valores de minúrias étnicas e linguísticas, ameaçadas em sua maneira de ser e existir. O fazer vocabular resguarda povos, preserva cultura. As culturas, surda e indígena, são culturas que desejamos levar ao público e proporcionar a interculturalidade na sociedade.

Desta forma esperando que este trabalho se configure como uma contribuição à comunidade surda, indígena e não indígena. Também que favoreça à preservação de uma língua de sinais indígena, ainda pouco explorada. E que possa contribuir com pesquisas congêneres, futuras.

REFERÊNCIAS

- ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa lingüística, **Calidoscópio**, Vol. 4, n. 3, p. 156-178, 2006.
- ANDRADE, Vitória. História Primeiro Ano A. **Povos Indígenas no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://historiaprimeiroanoalasallesp.wordpress.com/2016/11/26/povos-indigenas-do-brasil/>. Acesso em 20/nov/2020.
- ANDRE, Marli E. D. A.; LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. E.P.U., 1986.
- BALBINO, Ludimila. Conselho Indigenista Missionário. **Povo Tapeba, no Ceará, tem casos de coronavírus, é impactado por cheia e teme a fome; você pode ajudar**. Disponível em <https://cimi.org.br/2020/04/povo-tapeba-no-ceara-tem-casos-de-coronavirus-e-impactado-por-chezza-e-teme-a-fome/>. Acesso em 19/set/2020.
- BARRETO FILHO, Henyo Trindade. **Tapebas, Tapebanos e Pernas-de-Pau de Caucaia-Ceará: da etnogênese como processo social e luta simbólica**. Artigo. Brasília-DF, 1994. Disponível em <http://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Tapebas-Tapebeanos-e-Pernas-de-Pau.-BARRETO-FILHO-Henyo..pdf>. Acesso em 15/ago/2020.
- _____. **Tapebas, Tapebanos e Pernas-de-Pau: Etnogênese como processo social e luta simbólica**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS/Museu Nacional – UFRJ, 1993.
- BRAGA, Lauriberto Carneiro. Blog do Lauriberto. **Ceará abriga 14 povos indígenas**. 2019. Disponível em: <https://www.blogdolauriberto.com/2019/04/ceara-tem-14-povos-indigenas.html>. Acesso em 20/nov/2020.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 2002.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília-DF: Presidência da República, 1988.
- _____. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.
- CAMARGO, Cristiana. Fundo Brasil. **Povo Tapeba comemora declaração de Terra Indígena no Ceará**. 2017. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/povo-tapeba-comemora-declaracao-de-terra-indigena-no-ceara/>. Acesso em 20/nov/2020.
- CANAL CÉU EM LIBRAS. **Sinais de Astronomia Indígena em Libras**. 4m20s. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UpCqOf36ifY>. Acesso em 20/nov/2020.

CANAL ITAÚ CULTURAL. **História indígena – Una Shubu Hiwea – videoguia em Libras**. 2m18s. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/mKCCRIRqBh4> Itaú Cultural. Acesso em 20/nov/2020.

CLARO, Regina. **Encontros de histórias: do arco-íris à lua, do Brasil à África**. São Paulo: Joaquina Edições, 2018.

CONCURSADO E APROVADO. **Concurso FUNAI 2010**. Disponível em <https://concursoeaprovado.wordpress.com/2010/01/07/concurso-funai-2010/>. Acesso em 23/nov/2020.

COSTA, Antonia Leidiane Nascimento. **Memória e Territorialidade: a importância da memória no processo de demarcação da terra indígena Tapeba (1980-1995)**. FTDR, 2012.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Passe-Livre para deficientes começa a ser entregue**. 2008. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/passe-livre-para-deficientes-comeca-a-ser-entregue-1.937694?page=7>. Acesso em 07/11/2020.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. **Ci. Inf.**, Brasília, v.29, n 1. p. 90-92, jan/abril. 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9>. Acesso em 05/set/2020.

DUBOIS, J; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.B. e MEVEL, J.P. **Dicionário de Linguística**. São Paulo, Cultrix, 1993. 653 p.

ESPAÇO CONHECIMENTO UFMG. **Influência do Tupi na língua portuguesa falada no Brasil**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/influencia-do-tupi/>. Acesso em 20/nov/2020.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Tese. Universidade de Brasília – UNB. Brasília-DF, 2009.

FARIAS, Flaubi. Portal Resultados Digitais. **Google Trends: o que é a ferramenta e como usá-la na sua estratégia**. 2020. Disponível em <https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-google-trends/>. Acesso em 22/nov/2020.

FAUSLTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. Vol 24, número 3, 1995.

FERREIRA. Adelle Azevedo; VASCONCELOS. Artur Alves; MOREIRA. Marciano Vasconcelos. **Plano de Gestão Territorial e Ambiental Indígena: Tapeba**. Expressão Gráfica e Editora: Fortaleza-CE, 2017.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. **Entrevista com Graziela Paulino, a arqueira indígena da Seleção Brasileira**. 2019. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5415-entrevista-com-graziela-paulino-a-arqueira-indigena-da-selecao-brasileira?start=1>. Acesso em 20/nov/2020.

_____. **Tapeba**. 2016. Disponível em http://funai.gov.br/terra_indigena_2/mapa/index.php?-cod_ti=54601. Acesso em 09/nov/2020.

GANANÇA, João Henrique Lara, **Neologia e neologismos no português brasileiro: Principais ideias**. DOI: 10.14393/Lex7-v4n1a2018-2. Revista GTLex, Uberlândia, vol. 4, n.1, jul/dez 2018. P33-53. Disponível em file:///G:/48441-Texto%20do%20artigo-219574-3-10-20200528.pdf. Acesso em 05/set/2020.

GREELANE.COM. **Diglossia**: A coexistência de Variedades Linguísticas. 2018. Disponível em [https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%C3%AAs/diglossia-language-varieties-1690392#:~:text=Em%20sociolingu%C3%ADstica%20%2C%20diglossia%20%C3%A9%20uma,da%20mesma%20comunidade%20de%20fala%20.&text=O%20termo%20diglossia%20\(do%20grego,ling%C3%BCista%20Charles%20Ferguson%20em%201959](https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%C3%AAs/diglossia-language-varieties-1690392#:~:text=Em%20sociolingu%C3%ADstica%20%2C%20diglossia%20%C3%A9%20uma,da%20mesma%20comunidade%20de%20fala%20.&text=O%20termo%20diglossia%20(do%20grego,ling%C3%BCista%20Charles%20Ferguson%20em%201959). Acesso em 10/fev/2021.

JORNAL O POVO. **Pajé Dona Raimunda Tapeba**. 2020. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2019/12/14/paje-dona-raimunda-tapeba.html>. Acesso em 20/nov/2020.

JUNIOR, Germano Dutra. **Índios Surdos – Educação Especial 01**. 1m00s. 2010. Disponível em: <https://youtu.be/xNJreZ9GswQ>. Central de mídias do Ministério da Educação II. Acesso em 20/nov/2020.

JW.ORG. **Você pode entender a Bíblia!** Watch Tower Bible and Tract Society of New York, Inc. Wallkill, New York, U.S.A. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, Cesário Lange, São Paulo, Brasil, 2016. Disponível em https://download-a.akamaihd.net/files/media_publication/cf/bhs_T.pdf. Acesso em 15/ago/2020.

KARINY, Bianca. Conhecimento Científico. R7.com. **Pinturas Indígenas, o que são? Etnias, identidade e tipos de arte**. 2020. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/pinturas-indigenas/>. Acesso em 20/nov/2020.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. **Introdução à Terminologia: Teoria e Prática** (e-book). São Paulo: Editora Contexto, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITÃO, Matheus. G1.com. **Governo exonera indigenista que chefiou megaexpedição de contato com índios isolados**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/10/04/funai-governo-exonera-indigenista-que-chefiou-maior-expedicao-de-contato-com-indios-isolados-dos-ultimos-20-anos.ghtml>. Acesso em 18/nov/2020.

LESSA, Barbosa. Globo Rural. **“Historietas”**. 2017. Disponível em <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2017/05/historietas-cronica-de-barbosa-lessa.html>. Acesso em 23/nov/2020.

LIMA, Vera Lúcia de Souza. **Língua de Sinais: Proposta Terminológica para a área de desenho arquitetônico.** Tese. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2014.

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Terminologia das Libras: Coleta e registro de Sinais-termo da área de Psicologia.** Tese. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2018.

MATTEI, Helton Juliano. **Faço Arte, Existo! "Bichos do Mato" - Os caboclos da região sudoeste do Paraná.** 2011. Disponível em: <http://facoarteevisto.blogspot.com/2011/01/bichos-do-mato-os-caboclos-da-regiao.html>. Acesso em 20/nov/2020.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Educação Brasil. **Educação indígena.** 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/educacao-indigena/>. Acesso em 29/set/2020.

METRÓPOLE NEWS. **Índios Tapeba têm terra reitegrada à comunidade em Caucaia após desapropriação ser suspensa.** Disponível em: <https://www.metropolenewscaucaia.com.br/indios-tapeba-tem-terra-reintegrada-a-comunidade-em-caucaia-apos-desapropriacao-ser-suspensa/>. 2020. Acesso em 15/fev/2021.

MUSEU DA PESSOA. **Meu pai me ensinou a rezar.** 2014. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/meu-pai-me-ensinou-a-rezar-96308>. Acesso em 20/nov/2020.

_____. **Roda de História Tapeba.** Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/roda-de-historias-tapeba-98449>. Acesso em 20/nov/2020.

MUSEU KANINDÉ. **A maraca, a arte e os Kanindé.** 2012. Disponível em: <http://mkindio.blogspot.com/2012/04/maraca-arte-e-os-kaninde.html>. Acesso em 17/fev/2021.

PRODANOV e FREITAS. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul, 2013.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **D.E.L.T.A.**, v.19, Especial, 2003, pp. 209-236. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/13.pdf>. Acesso em 15/ago/2020.

PENA, Me. Rodolfo Alves. Brasil Escola. **Composição Étnica no Brasil.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm>. Acesso em 5/set/2020.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Oca de Saúde Comunitária realiza a Semana dos Povos Indígenas**. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/oca-de-saude-comunitaria-realiza-semana-dos-povos-indigenas>. 2013. Acesso em 15/fev/2021.

PINTEREST. **Folclores**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/tatacristie/folclores/>. Acesso em 20/nov/2020.

PINTO, Estevão. A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis. **A. Métraux**. Série 5°, Brasiliana, Vol.267, nº 420, 1950. Disponível em <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/40/1/267%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em 15/ago/2020.

PIXABAY.COM. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/illustrations/homem-desenhos-animados-pessoas-961674/>. Acesso em 20/nov/2020.

PORTAL DO VESTIBULANDO. **Cultura e Sociedade**. 2017. Disponível em: <https://www.portaldovestibulando.com/2017/10/cultura-e-sociedade.html>. Acesso em 20/nov/2020.

POVOS DO BRASIL. **Aldeias do Saber**. 2019. Disponível em https://ufmt.br/povosdobrasil/index.php?option=com_k2&view=item&id=116:aldeia-do-saber. Acesso em 17/fev/2021.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004, 221p.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. História do Brasil.Net. **Missões Religiosas no Brasil Colonial**. 2014. Disponível em: https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/missoes_religiosas.htm. Acesso em 20/nov/2020.

REVISTA CIRCUITO. **Ainda tem vagas para a “Oficina de Jogos e Brincadeiras Indígenas” em cotia**. 2020. Disponível em: <https://www.revistacircuito.com/oficina-de-jogos-e-brincadeiras-em-cotia/>. Acesso em 17/fev/2021.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas**. 5ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2015.

SANTOS, Diego Junior da Silva, PALOMARES, Nathália Barbosa, NORMANDO David, QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J. Orthod**. May-June, 2010, p.121-124. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>. Acesso em 22/nov/2020.

SANTOS, Telma Cetriz dos. **Proposta de criação de um glossário de sinais ambíguos em Libras**. 2018. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua). Universidade de Brasília-UNB, Brasília-DF, 2018.

SILVA, José Roberto da; SOUZA, Evilázio Clécio de; RUFINO, Maria Aparecida da Silva. O ritual do toré como organizador prévio para o conceito de círculo. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.26, n.1, jan./abr. 2018, p.75-93. Disponível em file:///G:/8650471-Texto%20do%20artigo-38544-2-10-20180503.pdf. Acesso em 20/ago/2020.

TEMOTEO, Janice Gonçalves. **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste**. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 252p.

TUPÃ. In: Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani. Disponível, em <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/tupa-2/>. Acesso em 25/set/2020.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das Línguas de sinais emergentes: Um estudo sobre as comunidades Linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis-SC, 2009.

_____. **Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul**, Editora Arara Azul, 2012.

VIEIRA, Maria Izaete Inácio, **A Atuação do Intérprete Educacional da LIBRAS nas Escolas de Ensino Fundamental de Limoeiro do Norte-CE**. Dissertação. Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2017.

WAQUIL, Mariana Leivas; PARAGUSSU, Liana; CORTINA, Asafe. **Terminologia**. Soluções Educacionais Integradas, 2017.

WIPIPÉDIA. **Povos Indígenas do Brasil**. 2009. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Brasil. Acesso em 20/nov/2020.

_____. **Brainstorming**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brainstorming#:~:text=O%20brainstorming%20>. Acesso em 09/11/2020.